O Portador da Luz Para os buscadores da Verdade

Lúcifer®

Temas atuais vistos à luz da Sabedoria Antiga ou Theo-Sophia – a fonte comum de todas as grandes religiões, filosofias e ciências do mundo

O simbolismo universal de heróis, anões, gigantes, cobras e dragões

O ajudante do Mestre e a ajuda dos Mestres

O futuro da humanidade e da tecnologia

Olho por olho e dente por dente

Platonistas teosóficos

Perguntas que as crianças fazem, parte 2

Publicação da Fundação I.S.I.S. (International Study-centre for Independent Search for truth)

Capa:

Fotografia do templo hindu *Pura Parahyangan Agung Jagatkarta* em Java Ocidental, Indonésia. Os lados da escadaria são constituídos por dragões descendentes, um símbolo de sabedoria e conhecimento das forças ocultas da Natureza, que também encontramos nos edifícios sagrados de muitas outras culturas antigas.

Interessado em nossas palestras?

assista-as em nosso canal no YouTube:

youtube.com/ @theosophicalsociety-tspl

Conteúdo Lúcifer — o Portador da Luz

Nr. 4 | outubro 2024

Editorial 102

O simbolismo universal de heróis, anões, gigantes, cobras e dragões
p. 103
Quase toda história mitológica tem um herói. Muitas vezes, esse herói precisa derrotar um dragão, uma serpente ou um gigante. Qual é o significado desse simbolismo universal e como é possível que ele seja encontrado em diferentes tradições em todo o mundo?
Bouke van den Noort

O ajudante do Mestre e a ajuda dos Mestres
p. 113
Especialmente nos primeiros dias da Sociedade Teosófica, muitos membros desejavam conhecer os Mahātmas e se tornar discípulos deles. No entanto, os mestres estavam relutantes em fazer contato. Por que eles faziam isso? E com quem eles faziam contato?
Barend Voorham

O futuro da humanidade e da tecnologia
p. 118
Vivemos em uma época de rápido progresso tecnológico. Mas será que isso implica em progresso em nossa evolução humana? Como é o futuro da humanidade, de acordo com a sabedoria universal? E o que isso significa para o desenvolvimento de nossa tecnologia atual?
Erwin Bomas

Olho por olho e dente por dente
p. 126
A vingança é uma ideia muito estranha. Ela carece de qualquer tipo de sabedoria: meu sofrimento será compensado ao causar sofrimento a outra pessoa?
Herman C. Vermeulen

Perguntas que as crianças fazem, parte 2
p. 129
Em nossa última edição, escrevemos sobre as perguntas que as crianças fazem e como podemos dar respostas adequadas a essas perguntas, às vezes muito intuitivas. Nesta edição, continuamos nossa coluna, com novas perguntas.
Astrid Kramer

Platonistas teosóficos
Uma visita ao Prometheus Trust em Londres
p. 130
Nossa visita ao grupo Prometheus Trust em Londres nos dá a oportunidade ideal de falar mais sobre suas metas e atividades, e sobre a antiga tradição platônica em geral.
Erwin Bomas

Perguntas e respostas 134

» O que significa Krishna?

Agenda 136

» Prévia de temporada de palestras 2024-2025
» Curso Sabedoria Universal

Editorial

Todos nós somos peregrinos. Cada ser vivo, cada Alma, está em uma peregrinação para se tornar o que realmente é. Nesse caminho, precisamos vencer nossos traços egoístas, os hábitos que se concentram apenas em nós mesmos. Precisamos aprender a abandonar os véus materialistas que carregamos periodicamente. Eles não são quem realmente somos, e devemos abraçar a fraternidade e viver para o todo. Só podemos nos desenvolver e nos elevar por meio da colaboração.
Essa jornada não é aleatória. Tudo o que vive o faz de acordo com as Leis Universais, como a Reencarnação e a lei de Causa e Efeito. Essa última aponta para uma justiça rigorosa no Universo. O caráter de cada ser humano e as condições sob as quais ele vive são as consequências naturais de suas próprias ações e pensamentos em vidas passadas. Não existe sorte boa ou ruim.
Lúcifer, o portador da Luz, tenta ajudar os peregrinos oferecendo ideias práticas e ferramentas para superar os véus da ilusão, despertar nosso senso de admiração e incitar a fraternidade.

No artigo sobre simbolismo universal, falamos sobre esse Caminho interior para o Universo que os heróis dos mitos e lendas trilham quando escolhem viver para a totalidade. Nesse caminho, eles precisam superar sua própria natureza inferior. Os anões, gigantes, cobras e dragões dessas histórias simbolizam características internas específicas que devem ser compreendidas e dominadas.
A jornada para dentro pode parecer um caminho solitário. Entretanto, para aqueles que se esforçam com a mentalidade correta, há sempre a inspiração e a mão estendida daqueles que percorreram essa jornada evolutiva antes de nós: as Serpentes e Dragões da Sabedoria ou, em outras palavras, os Mestres.

O artigo *O ajudante do Mestre e a ajuda dos Mestres* descreve Robin Bennett, cuja luz interior altruísta foi apontada pelos Mestres quando alguns teosofistas o rejeitaram por causa de sua aparência.
A tecnologia nos ajuda em nosso caminho ou nos distrai? Em *O futuro da humanidade e a tecnologia*, analisamos de perto o desenvolvimento tecnológico e seu papel na evolução humana. Idealmente, a tecnologia sempre serve para beneficiar um ser vivo e, em última análise, a evolução do todo, mas será que isso acontece?
Além disso, nesta edição, você encontrará um relatório de um de nossos editores sobre sua visita ao Prometheus Trust em Londres. Muitas das obras de Platão foram traduzidas do grego para o inglês por Thomas Taylor (1758-1835). Essa editora publica muitas de suas obras e oferece estudos públicos interessantes sobre os livros e artigos.
Vivenciamos coisas que consideramos agradáveis e eventos que consideramos desagradáveis. Muitas vezes, os eventos desagradáveis são considerados injustos ou desleais e, muitas vezes, busca-se vingança quando há pessoas envolvidas. No entanto, todos são karma, mas o velho lema 'olho por olho' ainda existe. Por que essa maneira de reagir à injustiça persistiu por tanto tempo?
Continuaremos com as perguntas das crianças. Você pode encontrar algumas das respostas dadas sobre a questão levantada em nossa edição anterior: 'Por que a Terra é quente?' e nós o desafiamos com três novas perguntas.
Em nossa seção de perguntas e respostas, vamos dar uma olhada mais de perto em Krishna, o cocheiro e sábio conselheiro de Arjuna, o arqueiro do *Bhagavad-Gītā*. Como podemos ver Krishna?

Esperamos que esse *Lúcifer* possa nos inspirar a continuar em nossa peregrinação comum. Para seguir em frente, precisamos uns dos outros. É por isso que agradecemos suas perguntas e comentários. Eles ajudarão a moldar a meta de uma fraternidade prática entre todas as pessoas. Todos os e-mails que nos forem enviados serão respondidos.

Los Editores

Bouke van den Noort

O simbolismo universal de heróis, anões, cobras, gigantes e dragões

Quase toda história mitológica apresenta um herói. Esse herói geralmente tem de derrotar um dragão, uma serpente ou um gigante. Mas, em algumas histórias, ele realmente recebe ajuda de gigantes e dragões. Como isso pode ser conciliado? Qual é o significado desse simbolismo universal e por que ele pode ser encontrado em praticamente todas as tradições do mundo? Neste artigo, acompanhamos a aventura do herói em seu caminho de crescimento interior à medida que ele encontra gigantes, anões, cobras e dragões, todos os quais cumprem uma função específica em algum momento dessa jornada interior. Este artigo é uma versão editada da palestra que Bouke van den Noort deu em 30 de abril de 2023, na série *Símbolos universais: a linguagem da alma.*

Pensamentos-chave

» Há um caminho interno para o coração do universo que o herói dos mitos e lendas trilha no momento em que faz a escolha final de dedicar sua vida a serviço do todo.

» É um caminho de auto-conquista, no qual o herói precisa enfrentar as tendências de sua própria natureza inferior e dominar seus hábitos egoístas e traços de caráter.

» Gigantes, anões, cobras e dragões simbolizam características internas específicas que devem ser conquistadas ou dominadas.

» Nesse caminho aparentemente solitário, há sempre a inspiração e a mão estendida daqueles que percorreram essa jornada evolutiva antes de nós: as Serpentes e os Dragões da Sabedoria.

Simbolismo universal: a linguagem da alma

O simbolismo pode ser encontrado em vários tipos e formas. Desde placas de trânsito em um aeroporto até símbolos antigos, como o círculo ou a cruz. O que esses símbolos antigos têm em comum é a mensagem interna, o significado mais profundo por trás da forma externa que se pretende expressar. Este artigo trata do simbolismo *universal*, o simbolismo das diferentes tradições religiosas e filosóficas e das civilizações de todo o mundo e de todas as épocas. O fato de encontrarmos o mesmo simbolismo em todo o mundo, como o da serpente [veja a caixa de texto na página 104], já é um primeiro indício de que ele é universal.

Mas essa universalidade não se refere apenas ao fato de um símbolo ser encontrado em todo o mundo. Mais fundamental é a *característica* da mensagem oculta por trás do símbolo externo, que é de qualidade universal. E um terceiro aspecto que o torna universal é o fato de que sua mensagem só pode ser verdadeiramente compreendida pelo aspecto universal *dentro de nós*.

Uma fonte comum: Theosophia

O fato de símbolos antigos serem encontrados em todo o mundo, expressando a mesma mensagem, faz com que não seja mais possível ignorar o fato de que estamos lidando com um simbolismo universal. A questão agora é: como é possível que encontremos o mesmo simbolismo em todos esses lugares e períodos diferentes do mundo? Não se trata de coincidência, mas do fato de que todas essas manifestações têm uma única e mesma fonte, ou seja, a

Sabedoria Universal da Theosophia. A Sabedoria Divina que é periodicamente trazida ao mundo por mensageiros, pelos precursores da humanidade: iniciados que já revelaram mais dessa Sabedoria Universal dentro de si mesmos e que assumiram o dever de ajudar a humanidade revelando continuamente facetas dessa Sabedoria. Ou seja, apenas os ensinamentos que a humanidade está pronta para receber em um determinado momento e idade.

A linguagem da alma

A dificuldade, no entanto, que todos esses mensageiros estão enfrentando é como transmitir a Sabedoria Divina usando a linguagem humana, que, por definição, é limitada demais para expressar essa sabedoria. Simplesmente porque ela transcende nossa capacidade cotidiana de expressão. No entanto, isso não é impossível, pois cada pessoa é mais do que seu cérebro-mente. O simbolismo também é chamado de linguagem da alma, e isso ocorre porque nossa alma abrange mais do que nossa consciência cotidiana. Esse 'mais' poderia ser chamado de parte universal de nossa alma. A parte interna de nossa alma por meio da qual compreendemos diretamente o significado mais profundo de algo. Por meio da qual podemos ver a interconexão da vida e a causalidade de tudo. É a nossa faculdade de compreensão que nos permite ter uma visão desvendada da realidade com uma clareza interior ou visão instantânea

Simbolismo universal da serpente

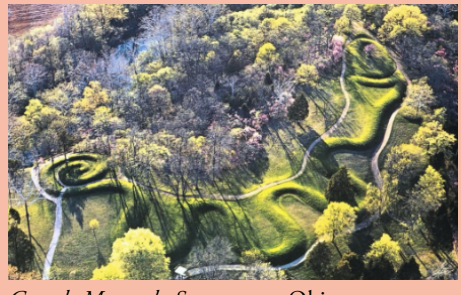
A serpente é um dos símbolos universais encontrados em todas as épocas e lugares do mundo. Entre os gregos antigos, Atena, a deusa da sabedoria, é acompanhada por uma serpente. Além disso, Hermes, o mensageiro dos deuses, tem um bastão com serpentes entrelaçadas, o Caduceu. Derivado disso está o bastão do deus da medicina Asclépio, hoje usado como símbolo pela *Organização Mundial da Saúde*. Os sumérios da Mesopotâmia também usavam o símbolo da serpente entrelaçada para representar a sabedoria divina. E no Egito, os faraós originais, os reis iniciados, como reflexo da sabedoria divina na Terra, tinham uma serpente presa em sua coroa (veja a ilustração na página 103). Semelhante a isso, os sábios na Índia são chamados de Nāgas, que literalmente significa serpentes. Em toda a Europa, você encontra a serpente em monumentos megalíticos, como em Newgrange, na Irlanda, e na Escócia, onde se encontra um monumento chamado *Serpent Stone (Pedra da Serpente*). Em um lago na Espanha, um monumento pré-histórico chamado Stonehenge espanhol vem à tona durante verões extremamente secos, e lá também há serpentes gravadas em pedras.

Nos Eddas escandinavos, encontramos a serpente de Midgard cercando a árvore do mundo mordendo sua própria cauda e, embaixo da árvore da vida, o dragão Nidhogg roendo as raízes. Os dragões e as serpentes representam o mesmo simbolismo, embora os dragões sejam mais comuns nas tradições orientais. Como o dragão da sabedoria na China, ou os dragões descendentes do templo hindu *Pura Parahyangan Agung Jagatkarta* ('pura natureza divina') em Java Ocidental, na Indonésia.

O mesmo simbolismo também é encontrado no outro lado do mundo, em ambas as Américas. No México, por exemplo, você encontra a famosa pirâmide da serpente emplumada Quetzalcoatl, descendo de reinos superiores de consciência, mostrando forte semelhança com os dragões descendentes do templo hindu em Java Ocidental. Na América do Norte, em Ohio, ainda é possível ver os restos do *Great Serpent Mound (Grande Monte da Serpente)*, dos habitantes indígenas nativos, que exibe uma serpente com um ovo na boca. E, novamente, exatamente o mesmo símbolo de uma serpente e o 'ovo mundano' que você encontra tanto nos gregos antigos quanto na Índia.

Pedra da Serpente em Newgrange.

Pura Parahyangan Agung Jagatkarta em Java.



Grande Monte da Serpente em Ohio.

da realidade. E é a essa parte superior de nossa alma, também chamada de intuição, que o simbolismo está apelando, permitindo-nos entender essas verdades universais.

Velado e protegido

E, portanto, simultaneamente, o simbolismo também tem uma função de ocultação. De ocultar a verdade daqueles que estão tão concentrados no lado externo das coisas e no interesse próprio, que não conseguem alcançar essa parte mais elevada em si mesmos e, portanto, não são capazes de compreender o significado mais profundo. E isso proporciona, ao mesmo tempo, uma proteção natural contra o abuso desse conhecimento para fins egoístas.

Essa proteção está intimamente relacionada ao modus operandi compassivo das chamadas Escolas de Mistério, os centros espirituais fundados pelos Grandes Mestres da humanidade. Desde o momento em que nos tornamos tão orientados para o materialismo e o egoísmo, surgiu a necessidade de ocultar o conhecimento universal das massas.

E são essas Escolas de Mistérios, esses pontos focais espirituais na Terra, a partir dos quais as inúmeras expressões de simbolismo, como a da serpente, foram trazidas ao mundo. Os símbolos estimulam cada pessoa a pensar mais profundamente, a buscar mais sabedoria, sem dar acesso ao conhecimento àqueles que não estão eticamente prontos para recebê-lo.

Embora cada símbolo tenha sido adaptado e colorido pela cultura e civilização daquela época e lugar, todos eles tinham a mesma Sabedoria Universal como fonte. Isso também se aplica aos cinco símbolos deste artigo: heróis, anões, gigantes, cobras e dragões.

Juntas, elas cobrem um campo gigantesco de ensinamentos teosóficos e, se você procurar por elas em *A Doutrina Secreta*, de Madame Blavatsky, vai se deparar com um oceano de histórias religiosas e mitológicas, no qual pode facilmente se afogar. Com frequência, ela cita várias tradições em uma página, saltando da Bíblia para os Eddas e, através dos mesopotâmicos, para o hinduísmo ou o período pré-inca. Mas, afinal de contas, essa era exatamente uma das tarefas que ela tinha: mostrar as semelhanças, reunir todos esses fragmentos dispersos como peças de um quebra-cabeça e demonstrar que eles formam um todo consistente e que, na verdade, são expressões diferentes da mesma fonte fundamental.

Princípios universais

Para não nos perdermos nos muitos detalhes, começaremos primeiro com alguns princípios gerais, chaves universais que são necessárias ou, pelo menos, muito úteis para entender o simbolismo.

A primeira chave é: *nunca tente 'prender' símbolos intelectualmente*. Conforme mencionado, a linguagem da alma transcende nossa consciência cotidiana e, portanto, também nossa faculdade intelectual. Aquela parte de nós que está ansiosa demais para categorizar as coisas, para definir e atribuir significados exatos aos símbolos, afirmando: é exatamente isso e não aquilo.

Mas se há uma coisa da qual você pode ter certeza ao estudar o simbolismo em *A Doutrina Secreta* é o fato de que perderá completamente o rumo ao adotar uma abordagem puramente intelectual. É também por isso que o livro se chama *A Doutrina Secreta*, simplesmente porque você nunca conseguirá compreender o significado mais profundo dessa forma. Com uma abordagem puramente intelectual, os conceitos se cristalizam, resultando na perda do significado interno mais profundo. Ou surge uma grande confusão, porque os elementos aparentemente se contradizem.

A segunda chave é estar sempre atento ao *nível de consciência* ao qual o simbolismo se aplica. De modo geral, é possível distinguir três níveis aos quais esse simbolismo pode se aplicar: o nível cósmico, o nível do planeta ou da humanidade inteira e o nível do ser humano individual. Portanto, é sempre importante observar atentamente a que o símbolo se refere. Por exemplo, na mitologia grega, há o Zeus cósmico como a fonte espiritual do universo, o hierarca de todos os deuses; há Zeus que simboliza a humanidade em um determinado estágio de desenvolvimento; e há Zeus como um cabeça quente discutindo com o Titã Prometeu, onde ele simboliza a natureza inferior do homem individual.

Em suma, o contexto em que um símbolo é usado é sempre essencial. E esse é precisamente um dos véus que apelam à nossa faculdade de discernimento, por meio do qual podemos entender a que se refere um símbolo em um contexto específico.

A importância do contexto também se aplica à próxima chave, o fato de que o simbolismo é frequentemente *dual*. E isso é novo em comparação com o simbolismo abstrato. Isso é especialmente verdadeiro para os símbolos que estamos discutindo neste artigo, porque eles não se referem a objetos ou abstrações, mas a *seres vivos*. Pois há dois lados, dois polos nos seres vivos: um lado da consciência e um lado da matéria, um aspecto superior e um inferior, em

outras palavras, o chamado lado 'bom' e 'mau'. Nos mitos, você se depara com gigantes que são benevolentes e gentis conosco e gigantes que se opõem a nós. Anões que são prestativos, mas também anões que realmente nos prejudicam. Há serpentes e dragões que nos tentam a um comportamento imoral e serpentes e dragões que nos inspiram ao desenvolvimento espiritual. Como, por exemplo, a serpente na Bíblia, que, por um lado, é retratada como uma tentadora do mal e, por outro, como uma força benevolente quando Jesus faz a declaração: 'Sejam sábios como as serpentes'.

Um último ponto importante, especialmente quando se trata de gigantes e anões, é que esse simbolismo se baseia em *nossa perspectiva* e no estágio atual de desenvolvimento. E isso se aplica tanto ao tamanho físico quanto à qualidade da consciência. Os gigantes podem se referir a seres que estão muito à nossa frente no desenvolvimento da consciência, mas também ao fato de que, em estágios anteriores da evolução, nós, humanos, éramos literalmente maiores do que somos hoje. Esse tamanho físico era 'normal' na época, mas, de nossa perspectiva atual, era enorme. Os anões, por sua vez, podem representar seres que estão em um estágio de desenvolvimento de consciência muito primitivo em comparação com a nossa consciência humana. Em nossa opinião, seu desenvolvimento é 'anão', pequeno.

Mas também é possível uma combinação dessas opções, como veremos mais adiante: gigantes que são fisicamente maiores, mas em termos de mentalidade estão muito atrasados em relação ao nosso estágio atual de consciência.

O herói

Vamos começar com o símbolo que está mais próximo de nós, o herói dos mitos, lendas e contos de fadas. Quem é esse herói? Somos nós: a alma humana que desperta durante sua jornada de desenvolvimento evolutivo. Mas pode ser evidente que esse status de herói não pode ser simplesmente atribuído a todos os seres humanos, pois para isso precisamos atender a certos requisitos. Características ou qualidades que às vezes podem parecer sutis, mas que fazem a diferença fundamental entre o homem comum e o herói.

O modo como o herói se distingue do homem comum tem tudo a ver com uma escolha, a escolha de seguir o caminho do desenvolvimento interior de forma autoconsciente e, portanto, acelerada, para o benefício da humanidade, com o motivo de ser uma força de ajuda no mundo. E essa escolha não é feita da noite para o dia, mas uma decisão final seguida de um processo interno no qual várias fases importantes podem ser distinguidas.

Visão

E tudo começa com a visão. 'A diferença', diz um dos instrutores de Teosofia, entre o homem que vive uma vida comum e o discípulo no caminho [o herói; BvdN] 'é apenas uma diferença na visão espiritual, intelectual e psíquica' da vida.[1] Ou seja, a capacidade de ver através da ilusão da separação, percebendo que a vida está enraizada na mesma fonte espiritual, sendo fundamentalmente una.

Mas a visão por si só, obviamente, não é suficiente. Começa com isso, mas, com o tempo, essa visão cresce e sua atenção muda cada vez mais de um foco em si mesmo para um foco no mundo ao seu redor, até chegar ao ponto em que você se identifica tanto com toda a vida ao seu redor que se identifica com o destino do mundo.

A escolha final

No exato momento em que essa percepção se instala, enchendo o coração do herói de compaixão e a clareza de que ele é uma parte inseparável do todo, uma escolha fundamental é feita: a decisão de se comprometer cem por cento com essa unidade e com a humanidade. A decisão de se colocar a serviço do bem-estar da humanidade e de toda a vida ao seu redor. A decisão de trabalhar pela totalidade. E se essa decisão for sincera, tomada com convicção interior, então um curso de ação correspondente se seguirá naturalmente.

Ser o exemplo

E isso nos leva à etapa final da aplicação prática, de ser o exemplo vivo ao colocar em prática a decisão pretendida. E esse é o momento em que todas as histórias heroicas começam. Esse é o momento em que os desafios e as provações aparecem no caminho, no qual a força de vontade e o compromisso do herói com a decisão são postos à prova.

Nesse exato momento, a batalha começa, conforme descrito no *Bhagavad-Gītā*, no qual o herói Arjuna, armado com seu arco e fleches no campo de batalha, está enfrentando um exército, pronto para a batalha. Mas nesse exército, de repente, ele reconhece amigos e parentes... simbolizando suas próprias fraquezas, seu próprio legado kármico, por assim dizer, de velhos hábitos que ele precisa superar antes de seguir adiante no Caminho. E é por isso que o simbolismo do herói em luta sempre diz respeito a uma *luta interior* e, portanto, é um caminho de *auto-conquista*.

Gigantes

O próximo símbolo universal encontrado em todo o mundo é o do gigante. Os gigantes aparecem em contos de

fadas e lendas, bem como em inúmeros escritos religiosos, como a Bíblia, o *Mahābhārata* indiano, os Eddas e as escrituras babilônicas.

Em quase todos esses casos, os gigantes estão envolvidos em uma batalha, seja contra deuses, seja entre eles mesmos, seja contra humanos. Em alguns casos, isso se refere a uma batalha histórica que realmente ocorreu, mas em todos os outros casos é uma metáfora para transmitir a ideia de uma determinada característica prevalecendo sobre outra, uma qualidade se tornando dominante sobre a outra. Em outras palavras, que a humanidade está entrando em outra fase de desenvolvimento. Às vezes, os dois são combinados no caso de uma escritura ser baseada em fatos históricos reais, mas também conter um significado simbólico.

A razão pela qual encontramos tantas batalhas e lutas no simbolismo é o fato de que elas eram mais facilmente compreendidas pela humanidade da época. Uma época em que a batalha entre civilizações era muito mais comum (hoje tentamos resolver os problemas mais por meio do diálogo) e, portanto, a melhor metáfora para significar a prevalência de um aspecto 'o bem' sobre outro 'mal'.

No caso dos gigantes, o simbolismo também se aplica aos três níveis de consciência mencionados anteriormente. Pois ele pode se relacionar a 1) processos cósmicos, 2) eventos relativos a toda a humanidade e, finalmente, 3) a nós mesmos, aspectos *do* ser humano individual que o gigante representa.

O gigante cósmico

Se começarmos no nível cósmico, com as cosmogonias nas diferentes tradições mundiais, o primeiro gigante a aparecer nos Eddas é Ymir. Ymir representa o lado material do universo, mas ainda não o universo manifestado como podemos percebê-lo fisicamente. Ele se refere à matéria cósmica primordial, um dos dois polos de espírito e matéria, que são os primeiros a se formar no início do reaparecimento de um universo. Como acontece nas histórias de batalha, o gigante Ymir é morto por alguns dos deuses. De suas várias partes do corpo, são criadas as várias partes do cosmos e, por fim, a Terra. Seu crânio, por exemplo, torna-se o céu, seu suor, os oceanos, e de seus ossos e dentes são criadas as montanhas. Simbolicamente, isso pode ser explicado da seguinte forma: durante o processo de desenvolvimento do universo a partir dos reinos internos, a matéria cósmica primordial forma os diferentes mundos que passam a existir durante sua descida pelos vários reinos da existência.

Mas esse processo de formação não acontece por si só, ele requer uma força ou consciência subjacente e formativa que trabalhe com ou por meio desse lado material. E é aqui que encontramos os primeiros gigantes na mitologia grega: os Titãs *em sua função de kosmocratores*, que literalmente significa 'construtores de mundos'. As forças divinas ou Dhyān-Chohans, que, como os Maçons dos Mundos, trabalham no lado veicular ou material da natureza, construindo o universo.

Encontramos uma simbologia semelhante nos Purānas hindus, que falam da 'guerra celestial' entre os gigantes e os deuses: a batalha entre os Asuras e os Devas, que, por sua vez, simbolizam respectivamente o lado da matéria e do espírito. Em *A Doutrina Secreta*, dá-se a entender que a primeira dessas guerras ocorre antes mesmo do surgimento do sistema solar.[(2)] Pois há também uma *segunda batalha* ocorrendo entre os Asuras e os Devas, espelhando a primeira em um plano inferior ('como acima, assim abaixo'), mas agora dentro do sistema solar, quando ele já está manifestado. E essa batalha também não deve ser tomada literalmente, mas como uma metáfora para a interação dinâmica entre seres superiores e inferiores nesse plano específico: significando uma transformação, uma mudança de consciência que está ocorrendo.

Gigantes do nível planetário

Agora descemos para o nível planetário, para uma batalha de gigantes que está ocorrendo nas regiões internas do sistema solar e que, por fim, chegará até nós, até a humanidade na Terra.

Uma batalha entre outras simbolizada pelos gregos antigos como a luta entre os Titãs e os deuses no Olimpo, quando os Titãs se rebelaram contra os deuses.

E um dos Titãs dessa categoria é Prometeu, que entra em conflito com Zeus porque roubou o fogo do céu para dá-lo à humanidade. Outro exemplo é o semideus Tântalo, que roubou o néctar e a ambrosia dos deuses para dar esse alimento divino aos mortais e, como punição, foi enviado ao submundo por Zeus.

Essa simbologia de 'rebelião' representa o estágio de desenvolvimento da humanidade na chamada era 'lemuriana'. Uma época em que nossa faculdade de pensar se tornou ativa, estimulada, sendo despertada por esses Titãs, seres de consciências avançadas muito à nossa frente. Na tradição hindu, eles também são chamados de Mānasaputras, seres de qualidade espiritual elevada que desceram ao nosso reino terrestre para ajudar a despertar as mentes da humanidade. Agora, é a essa descida para um reino inferior de consciência que o simbolismo de

'rebelar-se contra os deuses' se refere. Porque a qualidade desse reino inferior está 'em conflito' com a qualidade espiritual desses Titãs. E exatamente o mesmo simbolismo que você encontra na Bíblia com os Anjos Caídos e Lúcifer, o portador da Luz, cujo significado simbólico ao longo do tempo se degenerou completamente em um símbolo do mal, apenas porque o significado interno desse evento realmente muito compassivo de ajudar a humanidade se perdeu completamente.

Gigantes da humanidade

Novamente, descemos um pouco mais para a nossa Terra física, para mais uma guerra de gigantes que está ocorrendo, mas agora dentro da própria humanidade. É a batalha histórica mencionada anteriormente que ocorreu literalmente no final de um período de tempo em nossa própria história em que estávamos no auge de nosso desenvolvimento material e, portanto, em um ponto mais baixo de nosso desenvolvimento espiritual. Uma época de esterilidade espiritual, como Platão a chama, devido ao nosso foco muito forte na matéria. Um período em que a atração pela matéria era mais forte, tanto mental quanto fisicamente. Em outras palavras, a humanidade estava em sua puberdade e, fisicamente, éramos muito grandes e fortes.

E esse é o gigante que encontramos em todos os contos de fadas e lendas: grande e desajeitado, não muito inteligente, mas muito forte. Uma referência ao nosso antigo eu na fase atlântica após a lemuriana, na qual nos tornamos pensadores ativos. E também nessa batalha há uma dualidade na qual podemos distinguir dois tipos de gigantes, os retardatários, os atlantes que acabamos de descrever, chamados de Daytias na mitologia indiana, e os precursores, os Devatas, que significa semidivino, que representam os Instrutores da humanidade. Os iniciados e adeptos que são os representantes, por assim dizer, da categoria de Titãs à qual Prometeu pertence, cumprindo sua tarefa em um nível mais baixo na hierarquia dos ajudantes da humanidade.

Essa luta entre os gigantes que se tornaram cada vez mais orientados para o material e os progenitores espirituais da humanidade de nossa fase atual (que sucedeu a fase atlântica) é o tema principal dos épicos hindus, o *Mahābhārata* e o *Rāmāyaṇa*, por exemplo. Uma batalha que de fato ocorreu há centenas de milhares de anos, entre outras na Índia, na Grécia antiga e ao redor do Delta do Nilo.

Tudo isso pode parecer um pouco fantasioso e distante, mas hoje ainda podemos ver os traços concretos dessa fase de transição na forma de monumentos megalíticos e cósmicos em vários lugares do mundo. Os monumentos construídos por pessoas de dentro no início de nossa era atual seguem a fase atlântica.[3] Junto com eles, conhecemos as estátuas atlantes primitivas da Ilha de Páscoa, os restos muito antigos de um povo lemuriano-atlântico e os gigantescos Buddhas de Bamyan, no Afeganistão. Esses últimos, que infelizmente foram destruídos pelo Talibã em 2001, retratam vários estágios de desenvolvimento, do grande ao pequeno.

Concluindo, ao ler sobre a batalha de gigantes, sejam eles Titãs, Daityas, Devatas ou Asuras, é sempre importante observar o contexto para determinar o que a batalha significa simbolicamente. Mas, em geral, é seguro dizer que, em qualquer nível a que a batalha se refira, ela é sempre entre espírito e matéria, entre consciência superior e inferior, entre o bem e o mal relativos ou, em relação aos seres humanos: entre o altruísta e o egoísta relativos.

Gigantes em relação ao herói

Agora que conhecemos as características específicas que o gigante simbolicamente representa, também podemos entender melhor como o gigante se relaciona com o herói. Se uma batalha está ocorrendo entre os dois, ela sempre diz respeito a uma batalha *interna*. Uma batalha entre os impulsos egoístas e altruístas do herói. É a luta entre o atlante e o titã *dentro de nós*, por assim dizer. A batalha da auto-conquista, da superação de nossos próprios hábitos egocêntricos e materialmente orientados de característica atlante, que na verdade pertencem ao nosso passado. Enquanto o herói ainda não tiver superado esses hábitos atlantes do passado, ele se impedirá de progredir no caminho interior.

Anões

Junto com os gigantes, também encontramos anões em mitos e lendas nas diversas tradições do mundo. Anões que são considerados pequenos *de nossa perspectiva*, como é o caso dos gigantes. Mas, no caso dos anões, trata-se apenas do nível de desenvolvimento da consciência. Pois os anões simbolizam seres muito primitivos, muito atrás de nós, no início de seu desenvolvimento evolutivo. Essa é a razão pela qual geralmente não os vemos lutando em mitos e contos de fadas, porque eles ainda são totalmente *inconscientes*, sem conhecer o bem ou o mal, o certo ou o errado.

Na verdade, os anões fazem parte de um grupo inteiro de personagens de contos de fadas que você encontra como elfos, trolls, fadas, duendes etc., que coletivamente também são chamados de *espíritos da natureza*.

E esse grupo como um todo simboliza as forças da natureza

Dois exemplos de estátuas megalíticas de seres humanos nas quais é possível distinguir claramente as duas categorias: os retardatários e os precursores. À esquerda, as estátuas um tanto desajeitadas dos atlantes da Ilha de Páscoa, com características primitivas e uma altura média de cinco metros. E, à direita, os precursores, os Buddhas humanos também chamados de Filhos de Deus. Cada grande ciclo de desenvolvimento da humanidade é iniciado e supervisionado por um Buddha específico. Os dois retratados aqui, com 55 e 38 metros de altura, estavam em Bamyan, no Afeganistão. Tanto as estátuas da Ilha de Páscoa quanto as do Afeganistão foram feitas no final da fase atlântica, de acordo com a Teosofia.

que estão sendo moldadas por esses blocos de construção elementares, ainda mais primitivos do que o reino mineral, e que na Teosofia são chamados de elementais. Eles são, por assim dizer, os 'executores' de forças conhecidas como eletricidade e magnetismo, mas também de fenômenos como o calor, por exemplo. De fato, todos os processos nos quais as forças estão envolvidas. Portanto, sempre que ligamos o carro, cozinhamos nossa comida ou simplesmente levantamos o braço, usamos esses elementais. Mesmo quando estamos pensando, pois os pensamentos também são elementais.

Como fazemos uso deles, é comum encontrarmos os anões em um papel de apoio, como uma força positiva. Mas nem sempre é esse o caso, porque os anões também têm essa natureza dupla de bom e ruim. Pense, por exemplo, no elemento fogo, que usamos de forma positiva quando estamos cozinhando; se não o controlarmos, os resultados podem ser indesejáveis, como uma casa queimada. Ou a eletricidade, que é quase indispensável em nossa vida moderna, mas em certos casos pode ser destrutiva e fatal. E, da mesma forma, há pensamentos positivos e negativos. Portanto, em princípio, os anões representam as forças neutras e inconscientes da natureza. E, dependendo da situação e de como as usamos, elas podem ser positivas ou negativas *em relação a nós*. Em outras palavras: anões amigáveis ou não amigáveis. Dentro do grupo de espíritos da natureza do qual os anões fazem parte, eles representam uma característica específica. Esse grupo pode ser dividido nas quatro categorias dos elementos fogo, ar, água e terra. De acordo com a classificação de Paracelso, entre outros, as salamandras representam o elemento fogo, os silfos o elemento ar, as ondinas (ninfas aquáticas) o elemento água e os gnomos o elemento terra. É essa última categoria de gnomos que pode ser considerada a dos anões e na qual também é possível ver claramente a característica desse elemento terra em vários contos de fadas e mitos.

Como, por exemplo, os sete anões do conto de fadas Branca de Neve, que estão extraindo joias no subsolo das minas. Ou anões que guardam tesouros subterrâneos, como os goblins dos livros de Harry Potter, que guardam dinheiro e tesouros no banco subterrâneo Gringotts.

Os anões simbolizam os espíritos da natureza do elemento terra.

Anões em relação ao Herói

Se considerarmos o que o simbolismo dos anões significa em relação ao herói, é interessante observar a origem grega da palavra gnomo, que é gnōmē, que significa pensamento ou inteligência. Se combinarmos isso com o elemento terra, fica claro o desafio que o herói enfrenta, pois como

ele aplica sua inteligência? Ela se concentra na aquisição de tesouros terrenos ou na fortuna espiritual? Em outras palavras, ele é capaz de controlar os anões, seus elementais do pensamento terreno?

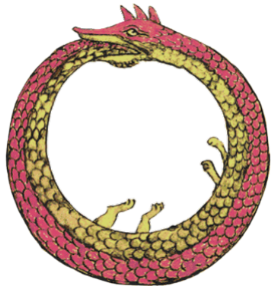
Um exemplo bem conhecido em que esse claramente não é o caso é o conto popular do aprendiz de feiticeiro que, por preguiça, encanta uma vassoura para fazer o trabalho por ele. Um ato que fica completamente fora de controle porque ele não consegue controlar as vassouras – seus elementais – porque não tem controle sobre elas. Isso enfatiza mais uma vez a importância do motivo puro e altruísta que o herói deve ter, quando confrontado com seus próprios elementais terrenos, para poder controlá-los. Ao fazer com que os anões o obedeçam, ele domina seus pensamentos de riqueza material.

Cobras e dragões

Por fim, discutiremos o simbolismo das serpentes e dos dragões que, conforme mencionado acima, podem ser vistos como sinônimos. Um simbolismo que se diz ser um dos mais antigos e ao qual, por causa de sua idade, talvez seja atribuído o maior número de significados – desde as características mais divinas da consciência cósmica até os aspectos mais baixos do ser humano individual. Portanto, em todas as tradições, encontramos serpentes boas e más, ambas as quais o herói encontrará no Caminho interior.

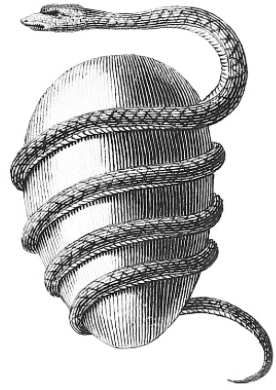
A serpente, o infinito e o crescimento cíclico

Talvez um dos símbolos de serpente mais famosos seja a serpente mordendo a própria cauda. Variantes desse símbolo podem ser encontradas em todo o mundo, como o Ouroboros dos gregos antigos. Ao morder a própria cauda, o início e o fim se unem, fundindo-se um com o outro, tornando-o um círculo fechado e, portanto, um símbolo do *infinito*. A eternidade da vida sem começo nem fim.



Ouroboros.

Mas esse símbolo tem ainda outro significado: a cabeça e a cauda da serpente ou do dragão também são atribuídas às características ativa e passiva, tornando-o também um símbolo de *ciclicidade* ou *reincorporação*. O movimento cíclico



O ovo órfico (o cosmos), sendo chocado pela serpente.

da vida de períodos alternados de atividade e passividade, ou descanso. Durante a fase ativa, adquirimos experiências, aprendemos lições e nos desenvolvemos um pouco mais a cada vez. Portanto, esse símbolo tem outro terceiro significado: o de *evolução* ou desenvolvimento progressivo. E esse aspecto também é metaforicamente refletido no fato de que as serpentes trocam de pele. Simbolicamente, isso representa as fases de crescimento durante as quais elas trocam a pele velha, substituindo-a por uma nova.

Com base nesse significado universal, também encontramos a serpente nas histórias de criação ou cosmogonias como a *fonte da vida*: a serpente cósmica com o ovo do mundo em sua boca. O ovo é o universo em germe que precede seu desdobramento de emanação, trazido pela serpente. Na filosofia hindu, esse ovo é conhecido como o Ovo de Brahmā, do qual o universo manifestado emerge e se desdobra estágio por estágio. Mas também encontramos esse simbolismo entre os habitantes nativos da América do Norte no *Great Serpent Mound*, onde uma serpente é representada segurando um ovo em sua boca (veja a foto na página 104). E a mesma ideia da serpente e do ovo do mundo também é encontrada entre os gregos antigos com seu ovo órfico, circundado pela serpente cósmica, como sua fonte ou guardiã.

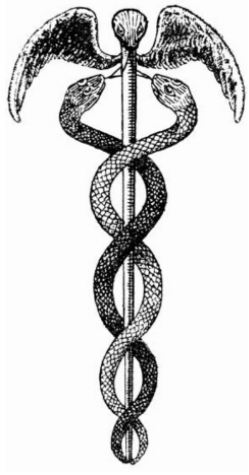
Vishnu descansando sobre a serpente Śesha.

Em uma representação um pouco diferente, mas semelhante, encontramos a serpente cósmica Śesha nos Purānas indianos, na qual o deus Vishnu descansa durante o período de inatividade entre as manifestações do universo. Diz-se que Śesha simboliza o tempo infinito no espaço, escondendo em suas sete cabeças todas as sementes kármicas do universo em formação.

A serpente como espírito e matéria

Descendo um pouco mais no processo de desenvolvimento do universo, quando o germe floresceu e os mundos surgiram, chegamos ao símbolo do Caduceu: duas serpentes entrelaçadas em torno de um bastão. Em seu significado cósmico, isso simboliza a evolução de toda a vida. A cabeça do bastão formado pela serpente cósmica é a fonte. E, assim como os gigantes, em que Ymir representa a matéria primordial e os Titãs, como construtores de mundos, representam o lado da consciência, as duas serpentes representam os dois polos da natureza: espírito e matéria.

Descendo da fonte, as caudas das duas serpentes espiralam para baixo e, cada vez que se cruzam, o espírito e a matéria se unem. Cada cruzamento representa um plano diferente de existência no universo, construído por meio da cooperação do espírito e da matéria do respectivo plano, até chegar à nossa Terra manifestada, onde as duas caudas se unem.



Caduceu.

Serpentes e dragões do submundo

Nesse simbolismo dos dois tipos de serpentes do Caduceu também se encontra a explicação para o fato de que o herói nos mitos e lendas geralmente tem de derrotar uma serpente ou um dragão. Pois se seguirmos a serpente que simboliza o lado material para baixo, descendo cada vez mais pelos diferentes planos do ser, finalmente chegaremos à serpente venenosa do submundo: as regiões inferiores do reino astral terrestre.

Esse é o covil simbólico do dragão. O reino da serpente Nidhogg, dos Eddas, onde, de acordo com um dos poemas dos Eddas, homens traiçoeiros, assassinos e malfeitores vagam após a morte, a quem Nidhogg ataca com suas presas venenosas.

A serpente Nidhogg rói continuamente as raízes da Yggdrasil, a Árvore da Vida.

Mas esses assassinos e enganadores não chegam lá por acaso. A razão pela qual eles acabam no submundo é a atração kármica, pois eles cultivaram a característica correspondente dentro de si mesmos durante esta vida e em vidas anteriores. Porque, de acordo com o axioma 'assim como em cima, embaixo', nós também, como a Terra, temos uma parte astral inferior. O aspecto inferior de nossa natureza animal, do qual se originam todos os nossos desejos e impulsos egoístas. E *esse* é o dragão que o herói deve derrotar: seu próprio dragão interior, que consiste em todas as tendências egocêntricas, desejos e emoções como ódio, raiva e ciúme, com os quais devemos lidar mais cedo ou mais tarde quando eles aparecem em nosso caminho.

Mas como fazer isso? Porque entrar em batalha com algo significa estabelecer uma conexão com ele, e isso é exatamente o oposto do que se pretende. Mas, como mencionado anteriormente, a metáfora de derrotar o inimigo representa o fato de que uma característica se torna líder sobre a outra, *dominando* a outra. Essa é a essência aqui. Pois não devemos nos livrar de nossa natureza inferior, mas sim educá-la e enobrecê-la por meio de orientação adequada, de modo que ela se torne um instrumento útil e de serviço- Essa ideia é maravilhosamente retratada na lenda de São Jorge e o Dragão, na qual o herói Jorge precisa derrotar um dragão. Em uma das mãos, ele segura uma lança, simbolizando a força de vontade espiritual com a qual ele é capaz de subjugar o dragão. Em sua outra mão, ele segura as rédeas do cavalo, o cavalo branco simbolizando a parte de sua natureza animal que ele já dominou e tornou dócil e, portanto, segura as rédeas. Observe a sutileza aqui: a lança não está apontada para o coração do dragão, mas para sua boca. Pois Jorge não mata o dragão, mas o silencia. Ele mata o *domínio* do dragão, pode-se dizer, e com isso ele se torna dócil como o cavalo. Pois o dragão também faz parte de nós, como sugere a cauda do dragão enrolada na perna traseira do cavalo, indicando nossa conexão com ele.

Derrotar serpentes e dragões com o herói

Concluindo, quando dragões e cobras são derrotados pelo herói, isso sempre diz respeito a um *processo interno* de

São Jorge e o dragão.

enobrecimento ou elevação da própria natureza inferior. É a auto-conquista do herói durante as provações, uma das capacidades necessárias do herói mencionadas anteriormente, de não ceder às tentações da natureza inferior, mas, por meio da sabedoria interior, da força de vontade espiritual e da lealdade, manter a decisão interior de se dedicar à totalidade.

Consequentemente, se essas qualidades internas estiverem liderando, a natureza animal, ou nosso eu inferior, irá segui-las naturalmente.

Serpentes e dragões da Sabedoria

Mas não estamos sozinhos em nosso esforço. E isso nos leva finalmente às Serpentes e Dragões da Sabedoria, a outra serpente do Caduceu que representa o lado espiritual. A serpente, em sua descida da fonte espiritual através dos vários planos de consciência, representa a linha ininterrupta de seres espirituais, de Buddhas da Compaixão. Desde os Buddhas Celestiais até os Buddhas humanos, que têm sua gama de influência ou atividade aqui na Terra.

Particularmente interessante nesse contexto é a origem grega da palavra dragão: δράκων, que significa 'aquele que supervisiona' ou 'aquele que vê e vigia'. Pois, nessa cooperação de Buddhas e Bodhisattvas, cada um deles assumiu a responsabilidade de apoiar toda a vida dentro do reino ou extensão de consciência que ele pode supervisionar. Nessa linhagem, cada Buddha é sempre um reflexo em uma planície inferior daquele que está acima.

Essa é a razão pela qual Lao-Tse, por exemplo, foi chamado de Dragão da Sabedoria por Confúcio, porque, como iniciado aqui na Terra, ele era, em última análise, um reflexo do Dragão da Sabedoria cósmico. Mas Lao-Tsé, é claro, é apenas um exemplo dos muitos instrutores e mensageiros do mundo. De todos esses sábios e iniciados, os Portadores da Luz, no verdadeiro sentido, pois tendo percorrido com sucesso o Caminho antes de nós - iluminados com o esplendor búdico - eles se voltaram para ajudar a humanidade em dificuldades a alcançar esse mesmo estado. E assim, são esses progenitores, esses Grandes Mestres da humanidade, que ao longo dos séculos fundaram as escolas de mistérios, das quais o simbolismo universal está sendo trazido repetidamente para nos inspirar. Para nos encorajar, na linguagem da alma, a trilhar o Caminho interior por meio de esforço próprio. Cabe a nós, agora, reconhecer essa ajuda, entender a linguagem da alma, seguir as instruções e trilhar esse Caminho com nossa própria força interior.

Resumo

Para resumir, tudo o que se pode dizer é que há um Caminho que leva para dentro, um Caminho interior para o Coração do Universo que todos nós percorremos em nossa jornada evolutiva. Um Caminho que nós, como heróis, percorremos conscientemente e aceleramos no momento em que fazemos a escolha de nos dedicar ao serviço da totalidade.

Um caminho de auto-conquista, no qual temos de lidar com os gigantes retardatários da Atlântida, nossos próprios hábitos egoístas criados no passado. Um caminho no qual os anões – nossos pensamentos terrenos e materialistas – devem ser dominados, para que possamos subjugar o dragão interior de nossa natureza animal com uma mente pura e altruísta e educá-lo para se tornar um instrumento útil.

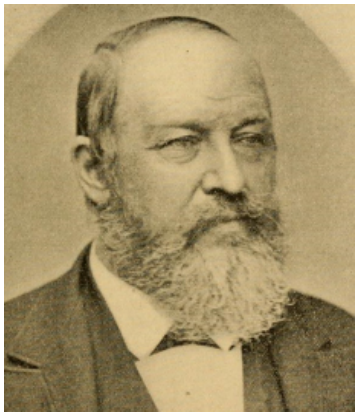
Mas, ao longo de toda essa jornada, a cada passo, sempre inspirados e incentivados pelos grandes e nobres Titãs e pelas Serpentes e Dragões da Sabedoria, que, tendo entrado no Caminho antes de nós, nos oferecem continuamente a mão estendida.

Referências

1. G. de Purucker, *Esoteric Teachings* [*Ensinamentos Esotéricos*] *1. The Esoteric Path. Its Nature and its Tests* [*O Caminho Esotérico: Sua natureza e seus testes*]. Haia, Fundação I.S.I.S., 2015, p. 17.
2. H.P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta. Vol. I*. Várias edições, p. 419 (edição original em inglês).
3. H.P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta. Vol. II*. Várias edições, p. 750, 752, 754 (edição original em inglês).

Barend Voorham

O ajudante do Mestre e a ajuda dos Mestres



Robin Bennett

Especialmente nos primeiros dias da Sociedade Teosófica, muitos membros desejavam conhecer os Mahātmas e se tornar discípulos (*chelas*) deles. Poucos, no entanto, podiam afirmar que tinham contato com os 'Irmãos', como eram chamados. Por que isso não aconteceu? Existem critérios para esse contato? Se sim, quais? É preciso viver uma vida pura, conhecer bem os ensinamentos ou se trata de algo mais?

Pensamentos-chave

» **Quando a luz interior e altruísta brilha em um ser humano, ele é notado pelos Mestres.**

» **Os Mestres olham para o homem interior, não para o exterior.**

» **Uma vida pura por si só não é motivo para entrar em contato com os Mestres. Trata-se principalmente de trabalho altruísta e compassivo para o benefício de outros seres humanos.**

As cartas de Mahātma são, por várias razões, uma literatura muito fascinante e inspiradora para qualquer pessoa que deseje se aprofundar seriamente na Teosofia. Além da cooperação que os Mestres tinham com seus chelas, graças à intermediação de H.P. Blavatsky, surgiu uma correspondência entre inicialmente dois ingleses que viviam na Índia Britânica – depois de um curto período de tempo, tornou-se apenas A.P. Sinnett – e dois Mestres. O valor instrutivo certamente não está apenas nos 'ensinamentos técnicos', embora haja muito sobre isso nas cartas, mas também sobre como os Mahātmas guiam a humanidade a partir de sua posição e como, se tivermos a mentalidade correta, podemos ser ajudantes dos Mestres.

Ajudante e ajuda dos Mestres

Qualquer pessoa que tenha o coração no lugar certo, que pense e aja com coragem, sem preconceitos e, acima de tudo, com altruísmo, é um ajudante dos Mestres e é ajudado pelos Mestres por esse motivo. Questões externas, como posição social e erudição, não desempenham nenhum papel nisso. Até mesmo a perspectiva de vida de uma pessoa é uma reflexão tardia, desde que, é claro, seja sincera, não busque ganho pessoal e seja baseada principalmente na fraternidade universal. Os Mestres não olham para o exterior, mas veem o interior. E quando eles discernem a mentalidade correta, eles se aproximam dessa pessoa. Mahātmā Koothoomi (K.H.) deixa isso claro em termos inequívocos em uma carta para A.P. Sinnett:

> A natureza uniu todas as partes de seu Império por meio de fios sutis de simpatia magnética e há uma relação mútua até mesmo entre uma estrela e um homem; o pensamento corre mais rápido do que o fluido elétrico, e seu pensamento irá encontrar-*me* se caso seja projetado por um impulso puro, assim como o meu encontrará, tem encontrado e frequentemente impressionou sua mente. Podemos nos mover em ciclos de atividade divididos – não totalmente separados um do outro. Assim como a luz no vale sombrio vista pelo montanhista do alto dos seus picos, cada pensamento luminoso em sua mente, meu Irmão,

brilhará atraindo a atenção de seu distante amigo e correspondente. Se descobrirmos deste modo os nossos Aliados naturais no Mundo das Sombras – o seu mundo e o nosso além dos recintos – e nossa lei manda aproximar-nos de todo aquele que tenha dentro de si ainda que só o mais leve lampejo da verdadeira luz do 'Tathagata' – então tanto mais fácil será para você atrair-nos.[2]

O que é um Mahātma?

'Grande Alma' ou 'Grande *Self*' é o significado dessa palavra composta em sânscrito. Os Mahātmans são Homens perfeitos, relativamente falando, que os Teosofistas comumente chamam de Instrutores, Irmãos Mais Velhos, Mestres, Sábios, Videntes e outros nomes. Eles são, de fato, os 'Irmãos Mais Velhos' da humanidade: são homens, não espíritos; são homens que evoluíram por meio de esforços autodidatas na evolução individual, sempre avançando para frente e para cima até atingirem a elevada supremacia humana espiritual e intelectual que agora detêm.[1]

Luz Tathāgata

A ideia central da citação acima é *Tathāgata*. Essa palavra em sânscrito significa literalmente 'assim foi, assim vem'. É usada como título para os Buddhas da Compaixão, como Gautama. Expressa a natureza espiritual e especialmente compassiva desses grandes homens que seguem os passos uns dos outros para o bem da humanidade. Um ser humano que tenha acendido algo da luz do Tathāgata dentro de si é, portanto, aquele que deu seus primeiros passos no Caminho da Compaixão. Ele despertou algo de sua própria *natureza buddhi* e está trabalhando no próprio espírito dos Buddhas da Compaixão.

Se permitirmos que as palavras do Mestre nos penetrem adequadamente, poderemos perceber que todo ser humano que pratica sinceramente a compaixão entra em contato com os Mestres, embora na maioria dos casos ele dificilmente se dê conta disso.

Ajudante dos Mestres

Portanto, entrar em contato com o Mahâtmas não significa necessariamente que aquele que se colocou sob a influência do Mestre saiba disso. E certamente não implica em ganho pessoal ou que, por causa desse contato, você se desenvolva mais rapidamente espiritualmente. Pelo contrário, a compaixão implica que você não está se esforçando para obter ganhos pessoais. Trata-se do todo.

Portanto, aquele que *realmente* pratica a compaixão não apenas estará sob a influência dos Mestres, mas também apoiará os Mestres em seu trabalho compassivo. Ele é um de seus ajudantes.

Dessa forma, é completamente irrelevante o que ele insinua ser verdade, o que ele acredita, qual é sua casta ou posição social. Os Mestres nunca julgam as pessoas pelo exterior ou pelo que elas aparentam ser. Eles olham para o que o homem é *interiormente*.

Na opinião pública, uma pessoa pode ser um pária, uma pessoa inferior, mas se ela viver corajosamente a partir da compaixão, ela pode ser um ajudante útil para os Mestres. Ou, como o Mestre Koothoomi fala sobre o americano Bennett: ele é um agente nosso.[3]

Robin Bennett

Robin Mortimer Bennett foi um livre-pensador estadunidense e editor da revista *The Truth Seeker*. Ele era uma figura controversa nos Estados Unidos. Criticou abertamente a dogmática cristã, o que não foi recebido com bons olhos.

Um membro de uma associação cristã em Nova York entrou com um processo falso contra ele, e ele foi condenado à prisão por um ano. Isso ocorreu apesar do fato de 100.000 pessoas terem assinado uma petição alegando sua inocência. A petição de libertação foi enviada ao então presidente dos Estados Unidos, Rutherford B. Hayes, mas não surtiu efeito.

Após sua prisão, ele fez uma viagem pelo mundo. Ele visitou Bombaim, onde na época H.P. Blavatsky e Henry S. Olcott haviam estabelecido a sede da Sociedade Teosófica (S.T.). Inicialmente, Olcott não queria aceitá-lo como membro da S.T., temendo que sua má reputação se refletisse na S.T. Mas Blavatsky não se importava com reputações e convenceu Olcott a aprovar sua filiação. Até mesmo os Mestres, que nunca se preocuparam com quem entrava ou não na S.T., concordaram com seu pedido e ele se tornou membro. Mais tarde, Olcott admitiu franca e generosamente que, no início, havia feito um julgamento errado.[4]

Bennett acabou escrevendo três livros extensos sobre as várias religiões do Oriente sob o título *A Truth-Seeker Around the World (Um buscador da verdade ao redor do mundo)*. O volume 4 foi planejado, mas como ele morreu prematuramente, não conseguiu terminá-lo. Blavatsky escreveu uma resenha entusiasmada sobre esse vasto projeto na revista que ela editava, *The Theosophist*.[5]

Odor corporal e odor moral

Pode causar surpresa o fato de o Mestre Koothoomi chamar o livre-pensador Bennett de *agente*. Um livre-pensador

é alguém que rejeita toda crença dogmática. Muitas vezes, a palavra é usada no sentido de ateu. Portanto, parece que essa pessoa está muito distante da Teosofia e dos Mestres.
Mas se você tentar olhar para fora de sua própria estrutura de certo e errado e ver o quanto Bennett *se dedicou* e *se esforçou* para enobrecer a sociedade humana, poderá entender por que os Mestres viram nele alguém que estava lutando pela mesma causa altruísta que eles. Portanto, ele foi capaz de funcionar como um intermediário entre o mundo espiritual deles e o mundo exterior no qual Bennett vivia e trabalhava.
Bennett defendia a verdadeira ciência, o livre pensamento, a livre troca de ideias, a igualdade entre homens e mulheres, a educação gratuita e a reforma trabalhista. E, sem hesitar, lutou contra as igrejas com seus sacerdotes e dogmas, a falsa teologia, a superstição, a ignorância, os privilégios dos aristocratas e dos ricos. Ele foi uma excelente ajuda para os Mestres, livrando o pensamento ocidental de superstições de todos os tipos.
Quando Bennett embarcou para Bombaim, os Mestres viram, com sua visão, que ele poderia ser ainda mais útil para eles se aprendesse algo sobre o pensamento oriental. Portanto, o Mestre Koothoomi fez com que um de seus chelas escrevesse uma carta para A.P. Sinnett, pedindo-lhe que instruísse Bennett sobre o pensamento indiano.[6] Sinnett, que já estava em contato com K.H., havia morado na Índia por muitos anos e estava razoavelmente familiarizado com a religião daquele país. Ele certamente era capaz de fazer isso.
Não se sabe como Sinnett executou a tarefa, mas pode-se ver em outra carta de Mestres que ele o fez com relutância e sem motivação. De onde veio essa relutância?
Bennett não estava de acordo com as convenções da sociedade em que Sinnett vivia. Enquanto os mestres observam o 'interior' de um ser humano, Sinnett viu apenas a sujeira sob as unhas de Bennett e talvez tenha sentido seu desagradável odor corporal.
O Mestre Morya, que substituiu seu irmão Koothoomi, que estava em retiro por um longo período, como correspondente, comentou essa atitude da seguinte forma.

> Você só viu que as mãos de Bennett não estavam lavadas, que tinha as unhas sujas, usava uma linguagem grosseira e tinha, na sua opinião, um aspecto geral desagradável. Mas se *esse* modo de apreciar é o seu critério de excelência moral ou poder potencial, quantos adeptos ou lamas que produzem maravilhas passariam em seu teste?[7]

E mais:

> Existe um cheiro moral, assim como um cheiro físico, meu amigo. Veja como K.H. compreendeu bem o seu caráter ao não enviar o jovem de Lahore falar com você antes que mudasse de roupa. A polpa doce da laranja está *dentro da* casca – Sahib: tente localizar as joias dentro das caixas e não confie naquelas que estão desenhadas na tampa. Digo novamente: o homem é *honesto* e muito sério; não é exatamente um anjo – eles devem ser procurados em igrejas elegantes, festas em mansões aristocráticas, teatros e clubes e outros *santuários* – mas como os anjos estão fora de nossa cosmogonia, ficamos felizes com a ajuda até mesmo de homens honestos e corajosos, ainda que sujos.[8]

Viver de forma pura ou agir de forma altruísta?

Os Mestres observam como uma pessoa *é*, como ela age e não se a gravata está reta ou se há sujeira sob as unhas. Mesmo uma atitude pura em relação à vida não merece a atenção dos Mestres.
Essa última é muito importante até mesmo para nós agora. Mesmo em nossa época, há pessoas que acreditam estar vivendo uma vida pura porque são veganas, não bebem álcool nem usam drogas, talvez meditem todos os dias e queimem os incensos mais caros. Tudo isso é obviamente muito admirável, mas o que elas significam para seus semelhantes?
Também nos primeiros dias da S.T., havia pessoas que, por viverem essa vida pura, acreditavam que tinham direito a entrar em contato com os Mestres. Nesse caso, também, foi o Mestre Morya quem deixou claro que essa vida pura não é motivo para que os Mestres prestem atenção a elas. Sabe-se que Morya não gostava muito de escrever. Por isso, ele usou Helena Blavatsky como sua 'secretária' para apresentar seus pontos de vista sobre essa 'pureza'. A carta em questão, portanto, está escrita com a letra dela, mas o conteúdo é do Mestre.
O Mestre Morya levanta a questão do que essas pessoas fizeram para pensar que têm direito à atenção dos Mahātmas. Sua resposta a essa pergunta não é ambígua:

> Absolutamente nada. Eles ingressam na Sociedade e, embora permaneçam tão obstinados como sempre em suas antigas crenças e superstições, e nunca tenham abandonado a casta ou um único de seus costumes, eles, em sua exclusividade egoísta, esperam nos ver e conversar conosco e ter nossa ajuda em tudo e em qualquer coisa. Gostaria que o sr. Sinnett dissesse o seguinte a todos que se dirijam a ele com pretensões semelhantes: 'Os 'Irmãos' desejam que eu informe a todos vocês, *nativos*, que, a menos que um homem esteja preparado para se tornar um teosofista completo, ou seja, para fazer como

D. Māvalankar (*a) fez, – abandonar inteiramente a casta, suas velhas superstições e mostrar-se um verdadeiro reformador (especialmente no caso do casamento infantil), ele permanecerá simplesmente um membro da Sociedade, sem nenhuma esperança de ter notícias nossas. A Sociedade, agindo assim diretamente de acordo com nossas ordens, *não força ninguém a se tornar um teosofista da IId. Seção*. Isso é deixado com ele mesmo e à sua escolha. É inútil para um membro argumentar: 'Sou alguém que leva uma vida pura, não tomo álcool e me abstenho de comer carne, e não tenho vícios. Todas as minhas aspirações são para o bem, etc.' e, ao mesmo tempo, construa com seus atos e comduta uma barreira intransponível no caminho entre ele e nós. O que nós, os discípulos dos verdadeiros *Arhats* (*b) do budismo esotérico e dos Sang-gyas (*c), temos a ver com os *Shastras* (*d) e o bramanismo ortodoxo? Há 100 de milhares de faquires, sannyasis (*e) e saddhus (*f) levando as vidas mais puras e, ainda assim, estando como estão, no caminho do *erro*, nunca tiveram a oportunidade de nos encontrar, ver ou mesmo ouvir falar de nós. Seus antepassados expulsaram da Índia os seguidores da única filosofia verdadeira sobre a Terra e, agora, não cabe a eles virem até eles, mas a eles virem até nós, se nos quiserem. Qual deles está pronto para se tornar um budista, um *Nastika*, como eles nos chamam? Nenhum.

E falando sobre os ingleses Sinnett e Hume, que se correspondiam com os mestres, ele acrescenta:

O Sr. Sinnett e Hume são exceções. As suas crenças não são uma barreira para nós, pois eles não têm *nenhuma*. Eles podem ter tido influências ao seu redor, más emanações magnéticas resultantes de bebida, da sociedade mundana e de associações físicas promíscuas (resultantes até mesmo de apertar de mão de homens impuros), mas tudo isso são impedimentos físicos e materiais que, com um pouco de esforço, poderíamos neutralizar e até mesmo eliminar sem muito prejuízo para nós mesmos. Mas é diferente com o magnetismo e os resultados invisíveis produzidos por crenças errôneas e sinceras. A fé nos Deuses e em Deus e outras superstições atraem milhões de influências alheias, entidades vivas e poderosos agentes ao seu redor, com os quais teríamos de usar mais do que o exercício comum de poder para afastá-los. Nós decidimos não fazê-lo. Não consideramos necessário nem proveitoso perder o nosso tempo travando uma guerra com os *Planetários* atrasados que se deliciam personificando deuses e, às vezes, personagens famosos que viveram na Terra.[9]

Não os Mestres para nós, mas nós para os Mestres

Mais tarde, essa carta ficou conhecida como a Carta *de Prayag* porque as pessoas a quem ela se referia eram ou se tornaram membros da *Sociedade Teosófica Psíquica de Prayag*. (Prayag é o antigo nome de Allahabad).

Há estudantes de Teosofia que duvidam da autenticidade dessa carta, embora ela esteja claramente escrita com a letra da sra. Blavatsky. Há até mesmo aqueles que questionam abertamente se Blavatsky transmitiu a mensagem de seu Mestre adequadamente. Essas pessoas não entendem por que o Mestre Morya aconselha as pessoas que buscam contato com os Mahātmas a se tornarem Teosofistas, abandonarem a vaidade e as superstições do hinduísmo e abraçarem a filosofia do budismo.

No entanto, se você estudar isso em conjunto com o apreço que os Mestres tinham por uma figura como Bennett, que corajosamente lutou contra o preconceito e a superstição ocidentais e foi preso por isso, a política dos Mestres é perfeitamente clara e, sem surpresa, extremamente consistente. Toda superstição, sacerdócio, crença em deus e deuses como forças além do homem, distrai da verdadeira 'salvação' da humanidade, pois ela reside *dentro do* homem. E é totalmente irrelevante o fato de se tratar de religiões ocidentais ou orientais. A crença em deus ou deuses, em anjos ou santos, a quem você implora favores por meio de orações ou rituais, só pode levar ao egoísmo. Essa crença é rejeitada pelos Mestres. Dois terços do mal, diz o Mestre Koothoomi, vêm da religião no momento em que ela se torna um poder.[10]

Os Mahātmas não perdem seu tempo com aqueles que se recusam a deixar de lado suas crenças exclusivas. Afinal de contas, os brâmanes reservavam seus ensinamentos apenas

---

*** Notas de rodapé:**

a) Dāmodar Māvalankar era um chela que abriu mão de todos os seus direitos como brâmane para poder se dedicar inteiramente ao trabalho teosófico. Na Índia do século XIX, esse era um sacrifício pessoal extraordinário.
b) Discípulos de Gautama Buddha que fizeram o maior progresso durante sua vida e imediatamente depois dela.
c) Equivalente tibetano da palavra sânscrita 'Buddha'.
d) Escrituras sagradas de suposta autoridade divina, como os Vedas.
e) Asceta devotado, que renunciou a todas as preocupações mundanas e se dedica à meditação espiritual e ao estudo das escrituras sagradas.
f) Pessoa santa.

para sua casta. As pessoas sem casta não tinham permissão nem mesmo para entrar nos templos. E quando Morya diz que 'eles devem vir a nós', aos seguidores dos Arhats e do Buddha, isso não significa que eles devem aderir à religião *exotérica* do budismo, mas que devem estudar e praticar o budismo esotérico, que é, na verdade, o mesmo que a Teosofia Universal.

Nāstika

Aqueles que não concordaram com o conteúdo dessa carta se perguntaram em desespero se deveriam se tornar *nāstikas*. Para o hindu religioso, um nāstika é um ateu, alguém que não acredita em deus ou deuses. Alguns anos depois dessa carta, entretanto, com a publicação de *A Doutrina Secreta*, descobriu-se que esse termo na Theosophia significa algo bem diferente, a saber, 'a rejeição de *ídolos*, incluindo todos os deuses antropomórficos. Nesse sentido, todo ocultista é um nāstika'.(11)

O caso todo lembra a condenação de Sócrates, que foi acusado de não acreditar nos deuses. Entretanto, em sua famosa *Apologia*, ele negou vigorosamente essa acusação. Ele de fato acreditava nos deuses, mas não da forma como era feito na Grécia de sua época. Ele não acreditava em deuses antropomórficos, nem em *ídolos*, que, se você não os satisfizer com orações, rituais e sacrifícios, se vingam de você.

Não é sem razão que o Mestre Morya fala do Buddha. O Buddha nunca questionou a filosofia subjacente dos Vedas ou negou a existência de deuses. No entanto, ele a purificou e a despojou da vaidade e das preconceitos que se acumularam sobre ela ao longo dos séculos. A casta sacerdotal brâmane, no entanto, expulsou novamente os ensinamentos purificados por Buddha e voltou aos muitos preconceitos e tradições injustas – como os casamentos infantis – e aos rituais sem sentido destinados a satisfazer os chamados deuses. É isso que o Mestre Morya aponta.

Além disso, essa crença não é isenta de perigos. Ela desperta forças que não são benéficas de forma alguma. Em parte por essa razão, ele se refere à simplicidade do budismo original, que constantemente aponta para os poderes dentro do homem. Afinal de contas, o Buddha proclamou que o homem deve realizar sua própria salvação.

A fertilidade social da Theosophia

O verdadeiro teosofista, de quem o Mestre fala, é aquele que é altruísta, desapegado dos dogmas de qualquer igreja ou ciência, e que estuda independentemente a Verdade Divina e, além disso – e mais importante – aplica as consequências éticas desse estudo em sua própria vida. Ele é um ser humano que trabalha constantemente para mostrar a seus irmãos, que vagam na escuridão da vida exterior, o caminho para a luz.

É maravilhoso poder citar passagens de *A Doutrina Secreta* e saber o significado de certos termos em sânscrito. Mas esse conhecimento é inútil se você não o usar para aliviar a miséria e o sofrimento no mundo. Nenhum teosofista duvida da utilidade de uma vida pura e limpa, mas essa vida só tem sentido quando é usada para o benefício dos outros. A Teosofia não é uma estrada para o Nirvāna, mas a verdadeira Fraternidade Universal de tudo o que vive. Essa percepção nos obriga a arregaçar as mangas e trabalhar, trabalhar constantemente, para dar à Teosofia seu lugar de direito no mundo.

O desejo pela própria felicidade não dará frutos na sociedade, enquanto a Teosofia prova seu valor apenas quando é socialmente frutífera. É hora, disse o Mahā Chohan, o Mestre dos Mestres, de a Teosofia entrar na arena.(12)

Somente quando os ensinamentos teosóficos penetram no pensamento humano e, assim, exercem sua influência em todos os níveis da sociedade humana, é que a S.T. cumpre sua função. Quem contribui para ela é um ajudante dos Mestres e, por sua vez, recebe ajuda dos Mestres.

Referências

1. G. de Purucker, *Occult Glossary*. 1ª edição, Londres, Rider Co., 1933. Entrada: 'Mahātman'. Fonte: blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/occult-glossary/
2. A.T. Barker (compilador) *As Cartas dos Mahatmas para A.P. Sinnet*. Carta 45 (Barker), Carta 47 (cronológica).
3. Consulte a ref. 2, Carta 37 (Barker), Carta 37 (cronológica).
4. Boris de Zirkoff fornece um esboço biográfico de Bennett em: H.P. Blavatsky, *Collected Writings. Volume IV*. Wheaton, Illinois, The Theosophical Publishing House, 1981, p. 625-633.
5. Consulte a ref. 4, p. 146-148.
6. A carta foi escrita por Djual Khool, chela do Mestre Koothoomi. Consulte a ref. 2, Carta 37 (Barker), Carta 37 (cronológica).
7. Consulte a ref. 2, Carta 43 (Barker), Carta 42 (cronológica).
8. Consulte a ref. 7.
9. Consulte a ref. 2, Carta 134 (Barker), Carta 30 (cronológica).
10. Consulte a ref. 2, Carta 10 (Barker), Carta 88 (cronológica).
11. H.P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta. Volume I*. Várias edições, p. 279 (edição original em inglês).
12. A única carta do Maha Chohan. Veja, por exemplo: https://theosophy.wiki/en/Maha_Chohan_Letter

Erwin Bomas

O futuro da humanidade e da tecnologia

Basta assistir a um filme comum de ficção científica para descobrir que as expectativas sobre o papel da tecnologia no futuro são grandes. Naves espaciais, robôs inteligentes e comunicação ou até mesmo materialização à distância. Mas podemos nos perguntar se o progresso tecnológico também significa progresso para nossa evolução humana. O que a sabedoria universal diz sobre o futuro da humanidade e o papel da tecnologia? Como é esse futuro e o que ele significa para o desenvolvimento de nossa tecnologia atual?

Pensamentos-chave

- A evolução humana é o desdobramento progressivo e autoguiado da consciência (em essência, sem limites!): um processo infinito e cíclico que ocorre por meio da cooperação de consciências de diferentes qualidades.
- Nossa futura evolução humana está no desenvolvimento de um pensamento cada vez mais universal, de compaixão por tudo o que vive, de perdão e sabedoria.
- Idealmente, a tecnologia sempre serve para o benefício de um ser vivo e, em última análise, para a evolução do todo.
- A tecnologia não é neutra: ela não é independente da mentalidade de seus criadores, e seu uso não é independente da mentalidade de seus usuários.
- Nenhuma tecnologia mudará nada em nosso processo evolutivo: a consciência se desenvolve sempre de dentro para fora. A tecnologia pode, no entanto, estimular ou dificultar esse processo.
- Para evitar que a tecnologia atrapalhe nossa evolução humana, é importante considerar o motivo de seu desenvolvimento, implantação e avaliação.

Se observarmos as imagens de muitos quadrinhos antigos de ficção científica ou assistirmos a filmes antigos de ficção científica, veremos como a tecnologia inevitavelmente desempenhou um papel importante em nosso futuro imaginado, e muitas das expectativas sobre a tecnologia no futuro se tornaram realidade. Agora existem robôs inteligentes, há comunicação remota com imagens em uma tela pequena e já estamos fazendo as primeiras viagens espaciais. Agora, a materialização remota – pense em 'Beam me up, Scotty', o comando com o qual o capitão da *nave Enterprise* na série *Jornada nas Estrelas* é transportado de e para sua nave – ainda está longe no futuro para nós. Entretanto, com uma impressora 3D, é possível imprimir instantaneamente um objeto com base em um arquivo digital que pode ser baixado em um instante, onde e quando você quiser. Mas qual é a imagem que a ficção científica retrata da humanidade no futuro?

A ficção científica não retrata uma mentalidade futura

Na verdade, nossa imagem dos seres humanos no futuro praticamente não mudou nos últimos 75 anos de ficção científica. Vemos os seres humanos do futuro usando avidamente todos os tipos de dispositivos técnicos, mas os seres humanos em si permanecem praticamente os mesmos em comparação a nós, seres humanos atuais. Em termos de mentalidade, o homem do futuro é indistinguível do homem comum de hoje. Veja, por exemplo, a maneira como o 'homem do futuro' no filme *Avatar* lida com outra civilização. Isso é muito semelhante à maneira como o homem ocidental se comportava na era colonial: ganancioso, em busca de seu próprio ganho e desinibido no uso da violência contra a

natureza e os povos indígenas. Portanto, se extraímos algo de uma mentalidade futura da ficção científica, esse algo é mais o dos alienígenas, e os próprios humanos geralmente não desempenham um papel tão bonito.

De fato, isso representa uma falta de imaginação sobre o futuro de nossa própria mentalidade! A Teosofia de fato oferece essa visão, como explicaremos neste artigo. Em linhas gerais, descreveremos a evolução futura da humanidade de acordo com a sabedoria universal.

Em seguida, voltamos ao tema da tecnologia. A partir do panorama do futuro da humanidade, podemos situar melhor o papel da tecnologia e explicar como podemos gerenciar com segurança o desenvolvimento tecnológico.

A evolução e o futuro de acordo com a sabedoria universal

Para começar, é bom dar uma ideia de como a Teosofia vê o futuro. Porque quando você olha para a ficção científica, esse futuro geralmente não está muito distante. Grande parte da ficção científica do século passado situa o futuro no ano 2000, por exemplo. A ficção científica mais recente delineia um futuro apenas algumas décadas à frente; o filme *Blade Runner*, da década de 1980, sobre Los Angeles, por exemplo, se passa em 2019 e sua sequência no ano de 2049. Às vezes, a ficção científica se passa até mesmo no passado, como em, por exemplo, *Guerra nas Estrelas: 'Há muito tempo, em uma galáxia muito, muito distante...*

Para entender o que a sabedoria universal diz sobre o futuro, é indispensável o conhecimento dos três princípios ou proposições básicas da *Doutrina Secreta* ou Teosofia. A primeira proposição coloca imediatamente em perspectiva o que entendemos por futuro:

> 1. Um PRINCÍPIO Omnipresente, Eterno, Sem Limites e Imutável sobre o qual toda especulação é impossível, porque transcende o poder da concepção humana e só poderia ser diminuído por qualquer expressão ou semelhança humana. (...) uma Realidade absoluta que antecede todo ser manifestado e condicionado.[1]

Segue-se que todo ser provém, ou melhor, *é*, em essência, esse PRINCÍPIO. Em essência, portanto, toda vida é eterna e imortal. Sempre estivemos lá e sempre estaremos lá no futuro. Estamos então nos referindo à nossa essência: uma 'centelha de eternidade', um centro de consciência essencialmente ilimitado. Nosso corpo, nossa personalidade, tudo em nós que ainda se identifica com a temporalidade, que pensa em termos de dias, anos, séculos, um começo ou um fim, passado e futuro, não é isso. Nosso corpo e personalidade são meramente os veículos nos quais nossa parte imperecível se veste, durante os infinitos ciclos pelos quais passamos.

A segunda proposição da Teosofia descreve que tudo, como uma 'centelha da eternidade', se manifesta ciclicamente:

> 2. A Eternidade do Universo *in toto,* como um plano sem limites; periodicamente, 'o cenário de Universos inumeráveis que se manifestam e desaparecem incessantemente', chamados de 'as estrelas que se manifestam' e as 'centelhas da Eternidade'.[2]

Portanto, todo ser, tudo o que se manifesta, do átomo à estrela, é essencialmente uma expressão cíclica de uma centelha de eternidade.

Por fim, a terceira proposição descreve que, durante esses ciclos, cada centelha da eternidade evolui de dentro para fora ou cresce:

> 3. A identidade fundamental de todas as Almas com a Alma Suprema Universal, sendo esta última, por sua vez, um aspecto da Raiz Desconhecida; e a peregrinação obrigatória de cada Alma – uma centelha da primeira – através do Ciclo de Encarnação (ou 'Necessidade'), de acordo com a lei Cíclica e Kármica, durante todo o período.[3]

O crescimento sempre ocorre em cooperação com outros seres: nós evoluímos dentro da esfera de uma consciência mais altamente desenvolvida (um Ser Solar como uma 'Alma Suprema', por exemplo) e, por sua vez, fazemos uso de inúmeros outros seres para nosso veículo físico, pense nas células e nos átomos de nosso corpo, que, por sua vez, evoluem dentro de nossa esfera. Essa evolução segue padrões semelhantes: como em cima, assim embaixo. No entanto, cada ser evolui de sua própria maneira.

É claro que isso está longe de ser uma exposição completa, mas dá uma ideia. Para saber mais sobre os pensamentos básicos da sabedoria universal ou Theosophia, consulte a edição do simpósio *de Lúcifer* sobre 'A Doutrina Secreta – A Teoria de Tudo'.[4] Com base nessas três proposições, você pode concluir o seguinte sobre a evolução:

- A evolução é o desenvolvimento progressivo ou o desdobramento da *consciência* (em essência, sem limites!).
- A evolução é um processo infinito e cíclico, porque a vida é essencialmente ilimitada e se manifesta ciclicamente.
- A evolução ocorre por meio da cooperação de consciências de diferentes qualidades.

A evolução futura da humanidade

Tendo apresentado um esboço do que é entendido pela sabedoria universal ou Theosophia como evolução e tendo colocado a ideia de 'futuro' em perspectiva, podemos agora nos concentrar um pouco na evolução futura da humanidade em particular. Mais uma vez, nos permitimos apenas um esboço e nos referimos à literatura teosófica para obter mais informações, como *Os Fundamentos da Filosofia Esotérica* e *Man in Evolution*, ambos de Gottfried de Purucker.[5]

Se somos essencialmente 'centelhas da eternidade', então a humanidade é apenas um estágio, uma fase de nossa evolução, em que aprendemos a desenvolver algo de nossas faculdades internas. No estágio humano, desenvolvemos nossa faculdade de pensar: passamos de inconscientes a autoconscientes. E por Self, com letra maiúscula, queremos dizer nossa essência mais profunda, a centelha da eternidade dentro de nós. Quanto mais nos identificamos com ela por meio de nosso pensamento, mais evoluímos como seres humanos. É uma fase de evolução que podemos completar basicamente dentro do tempo de vida de nosso planeta, de acordo com a Teosofia, um período de 4 bilhões e 320 milhões de anos. Esse período pode ser novamente dividido em sete grandes ciclos ou escolas de vida, também chamados de Rondas na literatura teosófica, cada um dos quais abrange muitas centenas de milhões de anos. Cada uma dessas rodadas é caracterizada pelo desenvolvimento de um dos sete aspectos do pensamento, do primeiro ao sétimo:

1. Física
2. Sensação
3. Vitalidade
4. Desejo
5. Intelecto
6. Percepção, compreensão, intuição
7. Inspiração ou senso de unidade

Você pode dividir essas Rondas novamente em sete séries cada, como uma escola tem séries. Elas também duram milhões de anos e, nelas, passamos por muitas encarnações.

Nesse ciclo evolutivo total de 4 bilhões e 320 milhões de anos, nós, como humanidade, estamos na metade do caminho. O ser humano médio está na quarta escola da vida ou Ronda e, portanto, na quinta série. Em cada série, expressamos um dos sete aspectos, mas como um sub-aspecto do aspecto característico da Ronda. A atual quinta série representa, portanto, a fase intelectual da quarta escola, na qual aprendemos a dominar o aspecto desejo do nosso pensamento, algo que podemos reconhecer facilmente no mundo cotidiano ao nosso redor. Em nosso sistema educacional, valoriza-se muito o desenvolvimento intelectual; por exemplo, classificamos as pessoas de acordo com suas habilidades cognitivas e falamos em educação 'inferior' e 'superior'. Depois de sair da escola ou de se formar em uma universidade, essas capacidades intelectuais são usadas principalmente para buscar determinados desejos. E esses desejos consistem em uma mistura de desejos mais materiais/egoístas e desejos imateriais ou altruístas.

Como exemplo do primeiro caso, vemos que muitas pessoas passam grande parte de suas vidas ganhando dinheiro para uma empresa, ganhando dinheiro para si mesmas, para sua *própria* riqueza e luxo. Ao mesmo tempo, elas também buscam coisas imateriais, prestam um serviço à sociedade com sua organização, agregam algum valor e também trabalham para o bem-estar das pessoas ao seu redor. Também em nível global, vemos uma competição de economias nacionais em que o capital intelectual é empregado para aumentar *a* prosperidade material *da nação* e, ao mesmo tempo, reconhecemos uma busca internacional de ideais universais: direitos iguais para todos, liberdade de imprensa e de expressão, combate à pobreza, etc., mesmo que, infelizmente, eles estejam cada vez mais sob pressão.

Esse motivo duplo é característico da fase atual de nossa evolução na quarta escola da vida: a escola do pensamento do desejo, que está exatamente na metade do caminho de nosso desenvolvimento total. Nela, estamos passando por um ponto de virada da orientação material para a espiritual. Isso às vezes é retratado como uma luta, uma luta interior que podemos reconhecer em nós mesmos. Muitas vezes ainda somos seduzidos por coisas externas e pela busca de prosperidade material apenas para nós mesmos, enquanto interiormente percebemos, e também experimentamos cada vez mais, que se agirmos de forma altruísta, nossa vida se tornará mais harmoniosa.

Nosso futuro está na expansão do lado espiritual de nossa consciência, de nossa capacidade de pensar. Uma expansão do pensamento limitado para um pensamento cada vez mais universal, de uma identificação apenas com nossa existência externa para uma identificação com a vida como um todo, com todos os seres vivos. Isso pode parecer bom, mas de onde vem esse conhecimento?

Precursores da evolução humana

A partir do momento em que aprendemos a pensar de forma autoconsciente, podemos cada vez mais autodirecionar essa evolução, auto-guiá-la. Isso também significa que a aceleração pode ocorrer. Como acontece com

qualquer grupo grande que passa por um processo específico – como alunos em uma escola ou ciclistas em um passeio ciclístico –, há um pelotão formado pelo grupo maior e, em grupos menores, há tanto os precursores quanto os retardatários. Foram os precursores da evolução humana que nos deram o conhecimento mencionado acima. Falamos então dos grandes mestres da humanidade, como Gautama, o Buddha, Śankarāchārya, Platão ou Confúcio. Essas são pessoas que estão à frente do ser humano médio por um ou até mais de um dos grandes estágios da evolução, ou seja, uma ou até duas Rondas completas. Na tabela abaixo, descrevemos alguns desses grupos e suas características.

A pessoa comum da Quarto Ronda, em geral, ainda está muito apegada à ilusão desta vida exterior. A maioria das pessoas ainda tem pouca consciência de seu núcleo espiritual imperecível. Mesmo assumindo a reencarnação, elas não se veem como uma alma em aprendizado, evoluindo vida após vida. Elas estão espiritualmente adormecidas e agem apenas esporadicamente com inspiração. Ocasionalmente, seguem as inspirações de sua consciência, a parte mais duradoura de nossa alma, que contém a sabedoria que coletamos em vidas passadas.

Os buscadores da verdade estão um pouco mais à frente desse grupo médio. Essas pessoas já desenvolveram algo como um senso espiritual dentro de si mesmas.

Um pouco mais avançados em sua evolução estão os verdadeiros idealistas, grandes pessoas que promovem a cultura humana nas esferas social, científica, filosófica, religiosa ou artística. Muitas vezes, essas pessoas já estão uma ronda completa à frente da média das pessoas em termos de desenvolvimento. Nossa literatura descreve pessoas como Platão e Confúcio como exemplos disso. Os discípulos (leigos) dos Mestres de Sabedoria e Compaixão também pertencem a essa classe (chamados *chelas*).

Os Mestres são ainda mais avançados na Quintas Ronda. Eles trabalham de forma altruísta e incansável pela humanidade. Eles são espiritualmente despertos e, portanto, podem se beneficiar diretamente da sabedoria que vive em reinos mais internos.

Por fim, até o momento, a humanidade produziu apenas um ser humano completa da Sexta Ronda: Gautama, o Buddha. Para obter mais informações sobre o esotérico Gautama, o Buddha, Buddhas e Bodhisattvas, Mestres e seus chelas, consulte *Ensinamentos Esotéricos*, volume X, de Gottfried de Purucker, e o artigo sobre ele em *Lúcifer*. [6]

Esses grupos não estão estritamente separados uns dos outros e a variação na mentalidade ou no desenvolvimento do pensamento é tão diversa quanto o número de pessoas. Podemos, no entanto, ter uma ideia do futuro de nossa evolução humana e das qualidades que a acompanham a partir desse esboço. Um de nossos professores teosóficos acrescenta o seguinte em resposta a uma pergunta sobre os seres humanos da Quinta Ronda:

> Como se tornar um jogador de Quinta Ronda? Seguindo a Lei, cultivando as seis gloriosas virtudes, cultivando seu intelecto, cultivando seu coração. Torne-se impessoal. Aprenda a perdoar. Aprenda a amar. Essas são virtudes exaltadas.[7]

Graus de evolução humana

Buddhas Mānushya (humanos), seres humanos da 6ª Ronda	Seres humanos semidivinos (extremamente raros)	Espiritualmente iluminado
Mahatmas, Bodhisattvas humanos, seres humanos da 5ª Ronda avançados	Altruístas, forte senso de Unidade, compassivos	Espiritualmente desperto
Verdadeiros humanitários, idealistas, (leiga-)chelas, da 5ª Ronda	Altruístas, grande intuição, compreensão, compaixão	Espiritualmente meio desperto
Seres humanos acima da média, avançados da 4ª Ronda	Sentido intuitivo de Unidade, Buscadores da Verdade	Despertando espiritualmente
Homem médio das 4ª Ronda	Apegado à ilusão da vida exterior	Espiritualmente adormecido

Por Lei, aqui, entende-se Dharma ou Dever, o padrão de hábito mais universal da Natureza, o princípio de que tudo sustenta tudo o mais, e todo ser age a partir da consciência da unidade com todos os outros seres. Por seis virtudes gloriosas entendemos as seis ou sete atitudes mentais, como também mencionamos em nossa edição do simpósio 'Ajude a construir a mentalidade do futuro – sete fontes de sabedoria e sete transformações de caráter': [8]

1. Amor imortal
2. Harmonia em palavras e atos
3. Paciência que nada pode perturbar
4. Indiferença ao prazer e à dor
5. Energia destemida
6. Meditação espiritual incessante
7. Sabedoria intuitiva

Com esse breve esboço do futuro da evolução humana, podemos agora analisar a tecnologia, seu papel na evolução humana futura e como podemos começar a direcioná-la *agora*. Começaremos com uma descrição da tecnologia.

O que é tecnologia?

A palavra 'tecnologia' vem do grego τέχνη (*téchnê*) que significa 'capacidade' ou 'habilidade' e o sufixo *-logia* que significa 'estudo de'.

Tecnologia é a doutrina da técnica. Em nossa linguagem cotidiana, usamos técnica e tecnologia indistintamente de forma intercambiável, e tecnologia geralmente também se refere a técnica. Também usaremos esse significado mais amplo no restante deste artigo.

A derivação da palavra ainda não expressa claramente o objetivo da tecnologia. Felizmente, para isso, podemos recorrer a um Teosofista de uma época anterior: o sábio Platão.

Em seu diálogo *Filebo*, Platão usa a construção naval como exemplo e, socraticamente, faz a seguinte pergunta: 'A construção naval existe por causa dos navios? Ou os navios existem por causa da construção naval?'

E, é claro, a implicação aqui é que a tecnologia está sempre a serviço de outra coisa. Ele continua:

> Afirmo que todos os ingredientes, bem como todas as ferramentas e, de modo geral, todos os materiais, são sempre fornecidos para o bem de algum processo de geração. Além disso, afirmo que todo processo de geração, por sua vez, sempre ocorre em prol de algum ser específico, e que toda geração em conjunto ocorre em prol do ser como um todo.[9]

Portanto, a construção naval consiste em meios, ferramentas e técnicas para produzir ou fabricar navios. Fazemos navios para transportar pessoas ou mercadorias, como alimentos. Meios que ajudam as pessoas a existir, que ajudam as pessoas em sua 'geração'. E transportamos esses bens e pessoas em prol da existência humana como um todo: comunicação entre as pessoas, comércio entre as pessoas, tudo em prol do desenvolvimento ou da geração de pessoas, da evolução da humanidade como um todo, poderíamos de fato concluir com Platão.

Em resumo, o ideal é que a tecnologia sempre sirva para gerar algo, para o benefício de um ser vivo e, em última análise, para a evolução do todo.

Uma característica dessa descrição é a característica do desejo. Sempre se trata de algo que existe *para o benefício* ou *para o bem de* outra coisa. A tecnologia é sempre um meio para algum fim. Ela não é um fim em si mesma, mas queremos usá-la para alcançar algo, para satisfazer um desejo ou anseio específico. E esse fim pode ser algo muito banal ou, ao contrário, muito nobre. Aqui vemos novamente a dualidade de um desejo. Um martelo pode ser usado tanto para *esculpir* quanto para demolir, tanto para *fazer* quanto para *quebrar* uma estátua de um *ditador* ou de um *líder humano inspirador*.

Qual é o papel da tecnologia em nossa evolução?

Os seres humanos sempre usaram a tecnologia. Desde ferramentas simples, como machados de pedra, até máquinas muito sofisticadas. Tanto o tipo quanto o uso da tecnologia refletem a mentalidade humana média. Por milhares de anos, os chineses usaram a pólvora para fogos de artifício ornamentais. No entanto, o homem ocidental guerreiro do final da Idade Média rapidamente utilizou essa invenção para desenvolver canhões e, mais tarde, revólveres e pistolas.

O desenvolvimento da tecnologia cresce junto com a ascensão e queda das civilizações. Todo ciclo de crescimento, seja ele grande ou pequeno, passa por sete fases. Essas fases de crescimento podem ser interpretadas por meio dos diferentes elementos, que são análogos aos sete princípios e aspectos do pensamento: terra, água, ar, fogo, éter e mais dois elementos acima desses.[10] Se observarmos um ciclo de crescimento na parte ocidental do mundo a partir da Idade Média, em termos de tecnologia, o elemento terra foi o primeiro elemento central. O desenvolvimento se deu principalmente na agricultura e no transporte terrestre. Por volta dos séculos XVI e XVII, o elemento água

tornou-se mais ativo e seguiu-se uma época de marinheiros e colonizadores. No final do século XIX, o elemento ar tornou-se mais proeminente, por exemplo, no desenvolvimento de motores a vapor e de aviões. Seguiu-se um período em que o elemento fogo se tornou mais proeminente, por exemplo, nos motores a jato e na eletricidade. Depois, seguiu-se uma era do elemento éter com todos os eletrônicos, rádio, televisão e comunicações via satélite, que trouxeram formas ainda mais sutis de tecnologia, como a tecnologia da Internet.

Nós moldamos a tecnologia e a tecnologia oferece oportunidades para nos moldarmos ainda mais. A agricultura garante que não precisemos mais migrar para obter nossos alimentos e que possamos permanecer em um só lugar. A navegação marítima possibilitou o comércio global, bem como um intercâmbio cultural mais rápido. As máquinas possibilitaram a produção em massa e nos libertaram de muito trabalho manual demorado. Entre outras coisas, a eletricidade nos deu a capacidade de sermos ativos à noite e nos meses escuros de inverno, e a Internet proporciona a troca instantânea de informações a qualquer momento com qualquer lugar conectado na Terra e até mesmo no espaço.

Esses desenvolvimentos tecnológicos se sucederam rapidamente no último século e meio, portanto, não é de surpreender que as pessoas se perguntem 'o que virá depois' no futuro.

É inegável que a tecnologia nos trouxe muito. Por exemplo, graças à ciência e à tecnologia, passamos a compreender muito melhor nosso lugar na evolução e no universo. Conseguimos elevar o padrão de vida de um grande número de pessoas. A troca de conhecimento e o contato mútuo em todo o mundo cresceram enormemente. A tecnologia literalmente aproximou a humanidade. Ao mesmo tempo, também vemos muitas desvantagens. O progresso tecnológico também acelerou o esgotamento da natureza, desencadeou uma corrida armamentista global e alimentou o crescimento do desejo material. Uma nova tecnologia, como a inteligência artificial (IA), traz seus próprios desafios, como o desaparecimento da linha divisória entre a realidade e a ilusão (consulte o artigo 'Quão inteligente e´ o ChatGPT?' em *Lúcifer*).[11] Além disso, a questão é se a mentalidade da humanidade como um todo realmente avançou com todas as inovações técnicas. A desigualdade entre ricos e pobres ainda existe e está até aumentando. O mundo não se tornou mais pacífico. A tecnologia pode até atrapalhar nossa evolução.

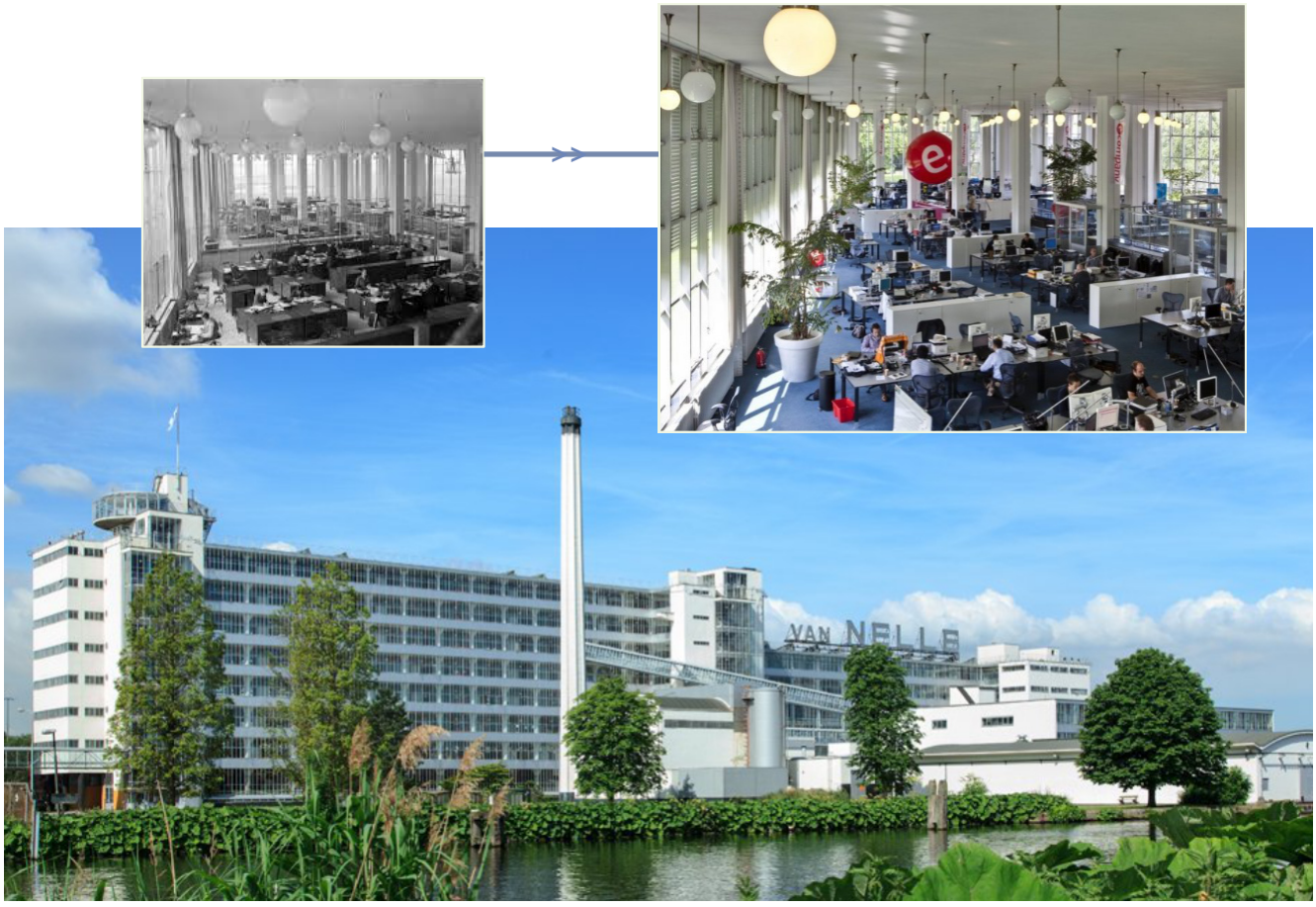
A tecnologia não é neutra

As pessoas geralmente veem a tecnologia como algo neutro, impessoal, apenas uma ferramenta. Apenas a forma como usamos a tecnologia – egoísta ou altruísta – seria decisiva. Entretanto, além de seu *uso*, o *desenvolvimento* da tecnologia também não é neutro. Nossos motivos humanos estão sempre ligados a ela. Abaixo, damos dois exemplos de como o desenvolvimento de dois produtos de uma simples peça de tecnologia, um viaduto e um edifício, pode prejudicar ou, ao contrário, incentivar o desenvolvimento das pessoas.

Primeiro, o exemplo 'ruim'. É um exemplo clássico da filosofia da tecnologia. Ele é citado em um artigo chamado: 'Do Artifacts Have Politics?' (Os artefatos têm política?)[12] Em outras palavras, as coisas, ou a tecnologia, podem transmitir determinadas ideias ou valores políticos? E a resposta afirmativa para isso é ilustrada por um viaduto 'racista' no estado de Nova York, veja a imagem abaixo.

Agora, é claro, o viaduto em si não é racista, mas, segundo consta, a pessoa que o construiu é. Suspeita-se que o projetista dessa ponte ou viaduto a fez deliberadamente muito baixa. De fato, o projetista tinha ideias racistas. E na época em que esse viaduto foi construído, ele atravessava a estrada para o litoral. Havia uma praia lá, que era usada com mais frequência pelos bairros 'brancos' ao redor. Os 'negros' de outros bairros geralmente dependiam do transporte público para chegar a essa praia. O ônibus da cidade não podia passar por baixo do viaduto baixo e tinha de fazer um grande desvio, o que significava que a praia ficava subitamente fora do alcance dos negros e permanecia reservada aos brancos.

Se o projetista realmente tinha esse motivo, nunca saberemos com certeza, mas a história, no entanto, ilustra como até mesmo um viaduto pode promover a desigualdade.



Felizmente, o oposto também é abundante. Damos como exemplo um conhecido edifício holandês: a fábrica Van Nelle em Roterdão, construída entre 1927 e 1930. Esse foi um dos edifícios fabris mais modernos da época e está registrado na Lista de Patrimônio Mundial da Unesco. O complexo foi encomendado por Cees van der Leeuw, não por acaso um teosofista. Seu ideal era criar um local de trabalho onde os funcionários pudessem desfrutar de um trabalho seguro e higiênico, em um espaço bem iluminado pela luz do dia.

Embora tenha perdido sua função original de fábrica de café, ainda é um dos locais mais atraentes para se trabalhar. Agora abriga todos os tipos de empresas, principalmente do setor de TIC. Eu mesmo gostei de trabalhar lá por vários anos, especialmente porque o espaço e a luz são fantásticos. Portanto, a tecnologia pode conter certos valores e, de certa forma, tanto incentivar quanto dificultar nossa evolução, e isso não se limita aos valores que os designers incorporam nela. Como H.P. Blavatsky escreve em um de seus artigos, '(...) um excesso de conhecimento técnico e especial da época muitas vezes age para impedir que os homens apreendam a verdade'.[13]

A direção da evolução, conforme descrevemos, está se movendo em direção ao universal e não ao especializado. Por exemplo, você pode ver que as culturas abertas e dinâmicas estão florescendo e que as sociedades fechadas e altamente egocêntricas estão morrendo lentamente. E a empresa Kodak, por exemplo, que já foi especialista em fotografia analógica, não conseguiu fazer a mudança para a tecnologia digital mais universal e faliu em 2012.

Nestes tempos em que estamos lutando para nos libertarmos de nosso mundo digital, em que mal conseguimos viver sem um smartphone e em que o vício em todos os tipos de aplicativos é comum, a declaração de Blavatsky é quase profética. O conhecimento especializado com o qual aplicativos, jogos e vídeos são criados para absorver nossa atenção e nos apresentar todos os tipos de ilusões distrai muitas pessoas da busca pela verdade. Elas mergulham em uma 'bolha', por assim dizer.

Portanto, somos céticos em relação aos 'otimistas tecnológicos' ou aos 'solucionistas' que pregam que o blockchain, a IA, a computação quântica ou ... (e preencha o próximo hype tecnológico aqui) resolverão os problemas do mundo. Em vez disso, a questão é: como podemos agora direcionar o desenvolvimento da tecnologia de modo que ela apoie, em vez de prejudicar, nossa evolução humana?

Tecnologia preparada para o futuro à luz da evolução humana

Para evitar que a tecnologia ameace nosso bem-estar e atrapalhe nossa evolução humana, é importante identificar o motivo por trás dela. A tecnologia sempre serve para produzir algo, serve a um desejo específico, e a questão é: o que exatamente está sendo desejado e a quem isso se aplica? Ela gira em torno de um desejo material ou espiritualmente orientado e beneficia apenas um ou alguns indivíduos ou a humanidade como um todo? Essa pergunta ainda não é tão fácil de responder, pois os motivos desempenham um papel no desenvolvimento, no uso e também na avaliação da tecnologia. Demos exemplos de vários motivos em seu desenvolvimento e uso acima, mas, muitas vezes, o desenvolvimento da tecnologia também é impulsionado por nossa avaliação dela. Por exemplo, emoções como o medo de uma tecnologia ou, por outro lado, o entusiasmo excessivo, não contribuem diretamente para colocar em perspectiva o papel da tecnologia em nossas vidas. Os desenvolvedores de IA, por exemplo, usam tanto o medo quanto o otimismo exagerado para gerar atenção para seus serviços ou atrair financiadores.

Em vez disso, a avaliação da tecnologia se beneficia de uma análise sóbria e imparcial que desmitologiza a tecnologia e avalia antecipadamente suas consequências para todos os afetados por ela. Por exemplo, perguntando de forma mais teosófica e filosófica o que uma tecnologia realmente significa, como ela funciona e o que ela faz. Em outras palavras, quais valores ela promove ou restringe? Com isso em mente, publicamos nosso artigo sobre o ChatGPT no *Lúcifer*, por exemplo.[14]

Colocar a mentalidade do futuro em primeiro lugar

Por fim, se voltarmos à visão teosófica da evolução, não podemos deixar de minimizar a influência da tecnologia. A evolução humana diz respeito ao desenvolvimento de faculdades de pensamento cada vez mais universais, ao desenvolvimento de uma mentalidade altruísta, à compaixão por tudo o que vive, à compreensão, ao perdão e à sabedoria. E nenhuma tecnologia ou meio externo mudará ou será capaz de mudar qualquer coisa essencial para esse processo evolutivo interno. Se vivermos com a *mentalidade* mais universal, sempre desenvolveremos, usaremos e avaliaremos a tecnologia da maneira correta.

Referências

1. H.P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta. Volume I*. Pasadena, Califórnia, Theosophical University Press, 1999, p. 14-17 (edição original em inglês).
2. ver ref. 1.
3. ver ref. 1.
4. Veja o simpósio especial 'A Doutrina Secreta - A Teoria de Tudo' de *Lúcifer, o portador da Luz*, número 4, dezembro de 2020. Fonte: https://blavatskyhouse.org/uploads/files/Lucifer_PT/lucifer-pt-2020-4.pdf
5. *Fundamentos da Filosofia Esotérica* é disponível em Português. (Consulte Fundação I.S.I.S.) Man in Evolution (inglês) é disponível em nosso site: blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/
6. Barend Voorham, Esoteric Teachings (Ensinamentos Esotéricos) volume 10 de Gottfried de Purucker. Artigo em: *Lúcifer, o Portador da Luz,* número 1 de 2022, p. 46 Fonte: https://blavatskyhouse.org/uploads/files/Lucifer_PT/lucifer-pt-2022-1.pdf
7. Gottfried de Purucker, *The Dialogues of G. de Purucker. Volume II*. Covina, Califórnia, Theosophical University Press, 1948, p. 14. Fonte: blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/the-dialogues-of-g-de-purucker1-2-3/
8. Veja o especial do simpósio Ajude a construir a mentalidade do futuro - sete fontes de sabedoria e sete transformações de caráter]. Fonte: https://blavatskyhouse.org/uploads/files/Lucifer_PT/lucifer-pt-2022-1.pdf
9. Platão, Filebo, 54c (veja também 53e).
10. Gottfried de Purucker, *Esoteric Teaching, Volume 6*. Haia, Países Baixos, Fundação I.S.I.S., 2015, p. 53, nota de rodapé 18.
11. Veja: E. Bomas, 'Quão inteligente e´ o ChatGPT?'. Artigo em: *Lúcifer, o Portdador da Luz*, número 2, de 2024, p. 44-51. Fonte: https://blavatskyhouse.org/uploads/files/Lucifer_PT/lucifer-pt-2024-2.pdf
12. L. Winner. 'Do Artifacts Have Politics?' ['Os artefatos têm política?']. Artigo em: *Daedalus*, tema 'Modern Technology: Problem or Opportunity?', volume 109, número 1, inverno de 1980, p. 121-136. Fonte: jstor.org/stable/20024652.
13. H.P. Blavatsky 'Conversas sobre Ocultismo'. Artigo em: H.P. Blavatsky, *Collected Writings. Volume IX*. Wheaton, Illinois, The Theosophical Publishing House, p. 103.
14. Consulte a ref. 11.

Herman C. Vermeulen

Olho por olho e dente por dente

A vingança é uma ideia muito estranha. Ela carece de qualquer tipo de sabedoria: meu sofrimento será compensado ao causar sofrimento a outra pessoa?

Pensamentos-chave

- Retaliar o mal com o mal tem sido feito há muito tempo. Mas será que isso é lógico e sensato?
- À luz do karma, causa e efeito, deixaremos qualquer tipo de 'retribuição' para essa Lei infalivelmente justa.
- Do ponto de vista da Sabedoria Universal, sempre responderemos com compaixão aos danos causados e nos concentraremos em (a) prevenir crimes e (b) reformar o pensamento dos agressores.

Qual é a idade do lema 'olho por olho'?

Nossa sociedade está passando por muitas mudanças. Estão sendo aplicadas técnicas e ideias totalmente diferentes daquelas de 100 ou 200 anos atrás. No entanto, temos hábitos mentais de pensamento que têm milhares de anos. Isso se aplica, por exemplo, ao lema 'olho por olho e dente por dente'. Encontramos essa maneira de pensar e agir em todos os lugares, mesmo em culturas não ocidentais, mas ela é especialmente dominante no Ocidente, um pensamento subjacente que emerge em muitas formas. Por que essa maneira de reagir à injustiça persistiu por tanto tempo?

Se observarmos os antigos livros de leis que representam esse pensamento, encontraremos as leis mosaicas e documentos ainda mais antigos. O mais antigo conhecido até agora é o códice de Hamurabi, rei da Babilônia (1792-1750 a.C.). As leis mosaicas posteriores, *Levítico* 24:19-21 e *Deuteronômio* 19:16-21, são derivadas dele. Portanto, essa forma de pensar tem pelo menos 4.000 anos de idade.

Isso, por si só, é notável, pois muitas formas de pensar são abandonadas em um curto espaço de tempo. Será que esse pensamento ainda está vivo porque textos como as leis de Moisés ainda estão sendo usados, ou porque 'olho por olho' realmente representa nossa mentalidade atual e, portanto, ainda é tão predominante? Um pensamento só pode viver por tantas gerações se encontrar um bom terreno de reprodução em nós, humanos, e for continuamente nutrido e transmitido. Muitas pessoas não conseguem abandonar esse pensamento, apesar de quão primitivo ele realmente é, para chegar a uma visão diferente, mas demonstram grande flexibilidade em muitas outras áreas.

O que buscamos alcançar com a punição?

Nos antigos livros de direito mencionados acima, o princípio básico é que, se alguém foi prejudicado, deve haver uma retaliação igual para a vítima. E é aqui que começa a discussão: o que é uma retaliação adequada? O que de fato desejamos alcançar com a punição? Vejamos qual é o objetivo da maioria dos livros de direito modernos. Isso varia de cultura para

cultura e de país para país, mas uma linha geral pode ser discernida. Normalmente, quatro objetivos são mencionados:

1. retaliação;
2. prevenção;
3. dissuasão;
4. ajudar e educar (trazer o infrator de volta à sociedade).

De imediato, você perceberá que esses são quatro termos muito subjetivos, que podem ser debatidos sem parar. Consequentemente, encontramos diretrizes adicionais em todas as culturas, elaboradas ao longo de muitas centenas ou até milhares de anos.

Encontrar um bom equilíbrio entre esses quatro pontos é um grande desafio. Há uma ampla gama de possibilidades. A abordagem mais humana é que uma pessoa que cometeu um crime, depois de cumprir sua punição – supondo que a punição não a tenha impossibilitado de fazê-lo – possa retomar seu lugar na sociedade harmoniosa como um bom concidadão, e que tenha aprendido com sua má conduta. Que ele tenha chegado ao entendimento de que todos devem se comportar de forma compassiva e humana.

Retaliação

O elemento de retribuição ou retaliação certamente provoca a maior parte das discussões. O que é uma retaliação apropriada? Faz sentido que é nesse ponto que as visões éticas de uma cultura se tornam importantes. O que exatamente significa retaliação? Em que áreas retaliamos: física, mental, espiritual? Você pode entender que isso pode levar a um longo curso de discussão. Suponhamos que a retaliação não seja proporcional, uma reação exagerada, e a vítima da retaliação, por sua vez, teria o direito de retaliar. Como você pode ver, isso funcionará como um pêndulo balançando para frente e para trás, o que pode levar muito tempo para que o equilíbrio seja restaurado.

Os pontos 1 e 3, retaliação e dissuasão, invocam as maiores discussões éticas. Todos têm uma opinião sobre eles. Na prática da justiça criminal, os pontos 2 (prevenção) e 4 (ajudar e educar) têm se mostrado os mais eficazes para restaurar e manter a harmonia e o equilíbrio na vida do punido.

Esses objetivos podem ser usados até certo ponto. Vemos isso com a justiça criminal em nível local, mas, em nível global, a situação pode ficar completamente fora de controle, apesar dos muitos tratados internacionais. Grandes grupos de pessoas se alimentam de pensamentos de ódio e, portanto, não conseguem romper a espiral de causa e efeito. Embora as soluções para isso tenham sido apresentadas há milhares de anos, com base no conhecimento das leis universais e, em particular, do *karma*, a lei de causa e efeito, a lei de restauração do equilíbrio.

Karma

O karma funciona em toda parte. Portanto, é uma lei universal.[1] O karma significa que todo ato produzirá uma consequência de caráter correspondente. Portanto, toda situação que vivenciamos tem uma causa: é uma consequência de uma ação anterior que realizamos.

Se partirmos do karma, a punição aparece sob uma luz completamente diferente. Então, a retaliação também é uma ação que evoca uma consequência de caráter *correspondente*. Isso não é uma tentativa de 'compensar o crime com o crime'?

Visto dessa forma, a prevenção do crime (meta 2) e o treinamento e a educação sustentados (meta 4) não são uma abordagem muito melhor? Porque assim rompe-se uma espiral negativa de causa e efeito, de crime sobre crime. Além do fato: quem está tão acima das Leis Universais que tem permissão para compensar um crime com um crime? Especialmente quando se trata de punições cruéis e deshumanas, como a pena de morte, que ainda é aplicada em alguns países.

Claramente, nossa vingança nos mantém em uma espiral perpétua de 'olho por olho', de violência. Se, por outro lado, deixarmos a compensação por conta da grande Lei de causa e efeito (karma), não precisaremos retaliar, pois é isso que a grande Lei faz. Então, reeducar, restaurar a harmonia, tornou-se nossa primeira tarefa de compaixão e a única abordagem correta.

O Novo Testamento

Também encontramos essa visão universal em uma fonte bem conhecida do homem cristão ocidental: o Novo Testamento. Lá é apresentado um ponto de vista totalmente diferente sobre 'olho por olho e dente por dente' – que, infelizmente, nunca se tornou tão popular:

> 38. Ouvistes que foi dito: Olho por olho, e dente por dente:
> 39. Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal; mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra.[2]

Se lermos o Novo Testamento à luz do karma, 'a grande Lei', e especialmente Mateus 5, será muito mais fácil entender. Devemos nos lembrar de que o evangelho de Mateus foi provavelmente escrito em aramaico e, portanto,

passou por muitos estágios de tradução.[3] Qualquer pessoa que já tenha traduzido algo sabe que traduções 100% corretas são quase impossíveis. As traduções são limitadas pelo conhecimento que o tradutor tem dos dois idiomas e de seus respectivos mundos de pensamento, e também pelo próprio mundo de pensamento do tradutor. O tradutor deve preencher a lacuna entre dois mundos de pensamento diferentes, dos quais os idiomas são uma expressão. Muitas vezes acontece que, para um conceito em um idioma, não é possível encontrar palavras correspondentes no outro idioma.

Leis divinas

Com relação às leis divinas, Jesus, o Nazareno, de acordo com o *Evangelho de Mateus* (5:19-20), diz:

> 19. Qualquer, pois, que violar um destes mandamentos, por menor que seja, e assim ensinar aos homens, será chamado o menor no reino dos céus; aquele, porém, que os cumprir e ensinar será chamado grande no reino dos céus.
> 20. Pois eu vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus.

Se no texto acima substituirmos o termo 'mandamentos' por 'leis divinas', o texto já estará muito mais próximo das ideias da Theosophia. Em Theosophia, falamos de leis divinas: os padrões habituais dos seres superiores na Natureza. Falamos das sete Joias da Sabedoria como as sete leis universais da Natureza.

Nós, como sociedade, precisamos de fato construir confiança nessas leis. Fazemos isso examinando-as para nós mesmos, individualmente: se podemos experimentá-las como sendo precisas em nossa própria esfera de consciência, em nosso campo de existência. Em caso afirmativo, elas são comprovadas para nós.

Com a compreensão da justiça do karma assim acumulada, não precisamos retaliar ou dissuadir por meio de punição. Podemos deixar isso para a grande Lei. Então, é nosso dever ajudar os infratores a voltarem ao caminho certo. Essa abordagem produzirá frutos muito melhores nas encarnações subsequentes, evocando uma espiral não negativa, mas positiva.

Então, também começamos a ver o 'crime' em um sentido muito mais amplo. Não apenas como a violação da letra da lei: o espírito da lei também deve ser respeitado. Isso exige pensar em um nível ético diferente e muito mais elevado do que os eventos cotidianos geralmente nos mostram.

Budismo, como uma expressão da Sabedoria Universal

Terminamos com uma citação de G. de Purucker, que mostra como a doutrina do karma tem um efeito inspirador no pensamento humano:

Você poderia dar uma pequena explicação sobre a diferença entre a Teosofia e o Budismo, como é geralmente ensinado hoje em dia entre as massas?

Essa é uma boa pergunta, e eu gosto dela, porque se eu não fosse teosofista, eu teria enfaticamente aceitado as doutrinas do Senhor Gautama, o Buddha, como as mais humanas, as mais filosóficas, as mais generosas, as mais principescas, não apenas em sua atitude para com os homens, mas no efeito que produzem sobre eles.

A diferença é aquela entre a mãe e uma filha adorável. A mãe sublime é a Teosofia, a filha adorável é o Budismo. Eu diria que, mesmo como o Budismo é praticado hoje, cerca de 2.500 anos após o falecimento de seu grande Fundador, ele é a mais teosófica de todas as religiões existentes, a mais generosa, a mais terna em sua compreensão dos problemas humanos e em sua maneira de lidar com eles, sem um vestígio de qualquer coisa que seja dura, indelicada ou colorida pelo ódio de qualquer forma. Ele não tem uma doutrina de punição arbitrária. Sua doutrina de retribuição, baseada na lei cósmica ou karman, é uma retribuição infinitamente justa. O mal que vocês fizerem viverá depois de vocês, e vocês mesmos, os que o praticaram, o encontrarão um dia e, até que desfaçam o mal que fizeram, ele permanecerá – maravilhosamente lógico, satisfatório e reconfortante.

Veja como isso se apodera do coração humano. O verdadeiro Budista diz sobre seu agressor: 'Ele me feriu terrivelmente. Tenho pena dele. Não desejo vingança. Isso seria apenas acrescentar minha força ao mal que foi feito, pois algum dia o mal que ele fez a mim recairá sobre ele, homem indefeso, e, além disso, ele terá o mal que esse mal fez em seu próprio caráter. Um mal duplo. Eu, sua vítima nesta vida, receberei uma recompensa, o dobro da recompensa pelo mal, pela injúria, que me foi feita, porque terei uma compensação retributiva pelo mal e, como não revido ao meu agressor, terei os acréscimos de força de caráter que surgem da injúria que me foi feita, o que é um bem duplo para mim mesmo, que sofri. Tenho a recompensa em minha própria alma por saber ser paciente e não bater, não revidar'.

A divindade respira através disso. É o próprio coração da piedade, da compaixão. E isso é pura Teosofia. Em outras

palavras, o Budismo é apenas uma filha adorável de uma mãe ainda mais adorável. O Cristianismo é sua filha, o bramanismo é sua filha, o Taoismo, todas as religiões da Índia, Pérsia, China, Egito, da Europa antiga e das Américas. Todas elas surgiram dessa única fonte, nosso Deus-Sabedoria, como o chamamos, mantido sob a guarda dos Mahātmas, homens muito evoluídos. Mas acho que o Budismo é a mais bela das filhas, porque é a mais verdadeira. A fidelidade a coroou. A justiça seguiu seus passos.[4]

Referências

1. Sobre a doutrina do karma como uma das sete Joias da Sabedoria: G. de Purucker, *Fundamentos da Filosofia Esotérica*, p.157-8, 161.
2. Mateus 5:38-39.
3. Veja, por exemplo: en.wikipedia.org/wiki/Language_of_Jesus.
4. G. de Purucker, 'Buddhism and Theosophy' (Budismo e Teosofia). In: *Studies in Occult Philosophy [Estudos em Filosofia Oculta]*. 1ª edição. Covina, Califórnia, Theosophical University Press, 1945, p. 681-682. Fonte: blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/studies-in-occult-philosophy/.

Perguntas que as crianças fazem, parte 2

Em nossa edição anterior, escrevemos sobre as perguntas que as crianças fazem e como podemos dar respostas adequadas a essas perguntas, às vezes muito intuitivas. Escrevemos sobre isso porque é bom perceber que essas perguntas são importantes e oferecem oportunidades. As crianças fazem perguntas por um motivo: elas querem entender a vida. Ao ajudá-las a pensar de forma independente, nós as ajudamos em seu caminho durante essa busca. Obviamente, isso nem sempre é fácil, mas devemos isso a elas. Além disso, isso nos oferece oportunidades de aprofundar e ampliar nossas próprias percepções.
No final do artigo, levantamos a questão:

O que você responderia à pergunta: *Por que a Terra é quente?*

As respostas dadas a essa pergunta foram diversas. Aqui você pode ler algumas das respostas:

- Assim como nós, a Terra é um ser vivo e tem sua própria temperatura. Nós também somos quentes por dentro.
- A terra está cheia de vida, muita vida poderosa, que aquece a terra por dentro.
- Os seres vivos que se movem (giram) se aquecem por dentro e irradiam energia. A Terra também é um ser vivo.

Não nos cabe determinar se a resposta ajudou a criança que fez a pergunta ao longo do caminho. Somente a própria criança sabe disso e talvez nem isso ainda.

Novo desafio

Recentemente, recebemos novas perguntas intrigantes que gostaríamos de apresentar a você. O que você responderia às perguntas a seguir?

- *De onde vem a terra?* Essa pergunta foi feita a um dos membros da nossa equipe por uma menina de dez anos.
- Uma menina de seis anos foi colocada na cama por sua mãe. Antes de adormecer, ela perguntou à mãe: '*Você é minha mamãe e a vovó era sua mamãe. Quem foi então a primeira mamãe?*'
- *Onde estou quando durmo?*

Estamos muito curiosos para ouvir sua(s) resposta(s). Também gostaríamos de saber se a resposta à pergunta sobre o calor na Terra levou a uma discussão ou a uma pergunta de acompanhamento. Se quiser compartilhar isso, você pode nos enviar o diálogo. Você pode enviá-lo para: **lucifer.red@stichtingisis.org.**

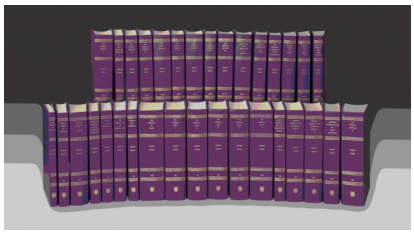
Vamos continuar praticando e ajudando uns aos outros em direção a uma verdade maior.

Astrid Kramer

Erwin Bomas

Platonistas Teosóficos

Uma visita ao Prometheus Trust em Londres



A série completa de traduções e comentários de Thomas Taylor.[3]

Pensamentos-chave

» Em conexão com uma interessante visita a uma das reuniões de estudo do *The Prometheus Trust*, prestamos atenção em: quem foi Thomas Taylor, qual foi o trabalho de sua vida e o que *The Prometheus Trust* tenta realizar? E, finalmente, quais são as *origens* da tradição platônica?

[i]Nossa visita ao grupo Prometheus Trust em Londres nos dá a oportunidade ideal de falar mais sobre suas metas e atividades, e sobre a antiga tradição platônica em geral.

[t]No último período de férias, fiz uma visita a Londres. Uma cidade com muita história teosófica e locais de interesse. Foi lá que H.P. Blavatsky encontrou seu Mestre pela primeira vez, concluiu *A Doutrina Secreta* e onde seu veículo físico finalmente encontrou seu fim para esta encarnação. Você também pode solicitar e visualizar as *Cartas dos Mahatamas* originais na *Biblioteca Britânica*.
Além das lojas teosóficas da Sociedade Teosófica (TS Adyar) e da ULT (Loja Unida de Teosofistas), muitas outras organizações espirituais estão ativas aqui. Uma delas é a Prometheus Trust, uma editora das obras e traduções de Thomas Taylor, um Platonista do início do século XIX. Thomas Taylor desempenhou um papel importante ao tornar a filosofia da Grécia Antiga acessível em inglês, sobre o qual falaremos mais adiante. Uma vez por mês, o Prometheus Trust em Londres organiza uma noite de estudos aberta, e aconteceu que eu pude participar. Foi surpreendente como, como teosofista, é possível participar sem problemas de um estudo tão platônico. Primeiro, algo sobre Thomas Taylor.

Thomas Taylor, o Platonista

O inglês Thomas Taylor (1758-1835), também conhecido como 'O Platonista', traduziu pela primeira vez para o inglês todos os diálogos de Platão, as obras de muitos neoplatônicos e também raros escritos da Grécia Antiga. Seu trabalho influenciou escritores conhecidos como Blake, Shelley e Wordsworth, bem como pensadores americanos como o filósofo Ralph Waldo Emerson – o pai do transcendentalismo, conhecido pelo ensaio *The Oversoul* – e os primeiros teosofistas como G.S.R. Mead – secretário de Blavatsky por muitos anos – e o Dr. Alexander Wilder, um platonista que ajudou Blavatsky a escrever *Isis Sem Véu*. Blavatsky e Wilder descrevem Thomas Taylor nessa última obra da seguinte forma:

(...) recorreremos aos incansáveis trabalhos daquele honesto e corajoso defensor da fé antiga, Thomas Taylor, e suas obras. Por mais que a erudição dogmática grega possa ter encontrado algo a dizer contra suas 'traduções erradas', sua memória deve ser querida por todo verdadeiro platonista, que

busca aprender o pensamento interior do grande filósofo em vez de apreciar o mero mecanismo externo de seus escritos. Tradutores clássicos melhores podem ter nos apresentado, em uma fraseologia mais correta, as *palavras* de Platão, mas Taylor nos mostra o *significado* de Platão, e isso é mais do que se pode dizer de Zeller, Jowett e seus predecessores. No entanto, como escreve o professor A. Wilder, 'as obras de Taylor foram favorecidas pelas mãos de homens capazes de pensar profunda e reconditamente; e deve-se admitir que ele era dotado de uma qualificação superior – a de uma percepção intuitiva do significado interior dos assuntos que considerava. Outros podem ter sabido mais grego, mas ele sabia mais Platão'.[1]

Em *A Doutrina Secreta*, Blavatsky descreve Taylor como 'o mais intuitivo de todos os tradutores dos Fragmentos Gregos'.[2] Portanto, é muito útil que os teosofistas tomem nota dos trabalhos de Taylor.

Fundo Prometheus

A Prometheus Trust publica o impressionante volume de traduções de Thomas Taylor em sua totalidade, em uma edição com encadernação bonita e preço acessível. Os diálogos de Platão juntos constituem apenas cinco do total de trinta e três volumes, e esses cinco também contêm comentários valiosos do próprio Thomas Taylor sobre vários diálogos. Os outros volumes são dedicados a obras de neoplatônicos como Plotino, Porfírio, Iamblichus, Proclo, fragmentos sobreviventes das tradições órfica e pitagórica da Grécia Antiga e as obras completas de Aristóteles.
Além de publicar as obras de Thomas Taylor, o Prometheus Trust oferece estudos sobre essa tradição platônica. Eles veem o estudo de Platão e da tradição platônica como um caminho para uma maior sabedoria, de acordo com o que o próprio Platão escreve sobre isso:

> É necessário mostrar que a filosofia é algo da maior importância e que só pode ser obtida por meio de grande estudo e trabalho árduo. Pois aquele que ouve que esse é o caso, se ele é verdadeiramente um amante da sabedoria, e é adaptado e digno de sua aquisição, sendo uma pessoa divina, pensará que está ouvindo sobre um caminho admirável, que ele deve imediatamente se dedicar a esse caminho e fazer dele o grande negócio de sua vida.[4]

Estudar em uma atmosfera teosófica

O estudo foi realizado em uma sala alugada em um centro cultural próximo ao Regent's Park. O estudo era público;

Thomas Taylor, pintado por Thomas Lawrence.

não havia condições de participação; uma doação era bem-vinda. Eu era um dos sete participantes. O estudo foi conduzido por Tim Addey, um dos fundadores do Prometheus Trust, auxiliado por uma de suas filhas.
O foco era como entender melhor os textos platônicos com a ajuda da tríade, uma trindade ou divisão tripla. As tríades não são apenas frequentes nos diálogos de Platão, pense no Belo, no Verdadeiro e no Bom, por exemplo,[5] as três classes do estado – os governantes, os auxiliares e os produtores – ou o homem que, como cocheiro, tem de conter dois cavalos de caráter oposto.[6] As tríades também se repetem amplamente entre os neoplatônicos.
Como introdução, foi disponibilizado um texto contendo trechos das obras de Platão e de vários neoplatônicos traduzidos por Thomas Taylor com um breve comentário. Essa peça foi apresentada da seguinte forma:

> A filosofia de Platão e sua tradição contínua se baseiam em uma afirmação de que a realidade – seja qual for o entendimento desse termo – *é uma unidade sistemática*, que abrange a multiplicidade ampliada que vemos ao nosso redor. É essencialmente um sistema de cima para baixo, de modo que o Primeiro Princípio desse 'Todo' é considerado a causa de tudo: como diz poeticamente a Sétima Carta de Platão, ele é 'a causa das coisas belas'.

A tradição platônica: o ramo (de oliveira) da árvore de Theosophia da Grécia Antiga

A Sabedoria Universal é tão antiga quanto a humanidade. Essa sabedoria foi transmitida em todas as épocas e culturas por vários mensageiros. Esses mensageiros falaram de uma doutrina (*dharma*), de um princípio ou caminho (*Tao*) ou de uma sabedoria de amor (*philosophia*).[7] Somente mais tarde essas tradições receberam nomes, como budismo, taoismo ou platonismo. Outro nome coletivo para essa sabedoria universal ou divina é Theosophia, ou 'sabedoria dos deuses'. Esse nome já era usado por muitos filósofos em Alexandria no século III de nossa era.[8] Em particular, eles se basearam no filósofo Platão (c. 427-347 a.C.) e mais tarde foram chamados de neoplatônicos. Os ensinamentos de Platão são geralmente considerados o início da filosofia ocidental[9], mas aqueles que estudam os ensinamentos de Platão e os comparam com a filosofia oriental reconhecerão muito do pensamento oriental. De fato, Platão trouxe nada além de sabedoria universal vestida com a roupagem apropriada à sua cultura e época gregas. De fato, Platão era um Teosofista.[10]
Ele é assim não apenas porque seus ensinamentos são consistentes com o que foi posteriormente revelado sobre a Theosophia por mensageiros teosóficos como H.P. Blavatsky e G. de Purucker. Como Blavatsky escreve: 'O Teosofista é quem a Teosofia faz'[11] E, de fato, isso ecoa Platão, que argumentou que o verdadeiro conhecimento ou sabedoria é igual à virtude. Conhecer a sabedoria significa ser sábio. Você só é um Teosofista se viver teosoficamente. Infelizmente, não se sabe muito sobre a vida de Platão, e ele mesmo confessou que manteve grande parte dela oculta.[12] Mas o que sabemos é que ele foi um exemplo inspirador para muitos.

Quando falamos sobre a tradição platônica, como muitas religiões e tradições filosóficas, ela pode ser dividida em uma linhagem exotérica e uma esotérica. Exotérico significa o que é explicitamente apresentado, escrito e transmitido em uma doutrina. Ela pode ser compreendida intelectualmente e também é chamada de 'Doutrina dos Olhos'. Esotérico, por outro lado, significa 'oculto' ou 'velado'. É o ensinamento mais místico que é transmitido de instrutor para aluno e também é chamado de 'Doutrina do Coração'. São esses ensinamentos que são transmitidos apenas em segredo para aqueles que provaram ser dignos em suas vidas. Portanto, é muito difícil encontrar informações históricas sobre eles. Às vezes, uma pequena dica ou referência sobre isso surge nos poucos escritos que sobreviveram. Outro método de transmitir ensinamentos esotéricos é fazer referência a eles indiretamente na forma de metáforas, mitos ou símiles. Os diálogos de Platão estão repletos de tais mitos. Eles só podem ser compreendidos se você tiver certas chaves para deduzir o significado correto deles. Chaves como as sete joias da sabedoria. [13]
Depois de Platão, na linha *exotérica*, principalmente Aristóteles, como aluno de Platão, foi muito influente para o desenvolvimento da ciência, especialmente no Ocidente. Até hoje, Platão e Aristóteles são estudados nas faculdades de filosofia das universidades como importantes fundadores do pensamento filosófico ocidental, mas principalmente de forma intelectual.
Entretanto, Platão também foi o fundador da Academia, uma Escola de Mistérios na qual os ensinamentos da sabedoria universal eram transmitidos esotericamente.[14] Após sua morte, a liderança passou para seu sobrinho Espeusipo, que continuou a tradição esotérica. No ano 86 a.C., o prédio da Academia foi destruído pelos romanos, mas o ensino continuou em outros lugares de Atenas até que os neoplatônicos a reconstruíram por volta do ano 400. Plotino, que viveu no século III, é considerado o fundador do neoplatonismo. Ele mesmo foi aluno de Amônio Sacas em Alexandria, que não escreveu nada.[15] A nova Academia Neoplatônica existiu até que o imperador Justiniano a fechou em 529, após o que os últimos sete filósofos encontraram abrigo com o rei persa Cosroes I. Durante a Idade Média, a igreja não permitia a disseminação de tradições que não fossem cristãs porque eram vistas como pagãs. Naquela época, no mundo islâmico, Platão ainda estava sendo estudado. Essa situação durou até o século XV, quando o Pleonasmo Bizantino reintroduziu Platão no Ocidente. Juntamente com Cosimo de Medici e Marsílio Ficino, entre outros, ele abriu uma nova Academia Platônica em Florença. Ficino traduziu Platão do grego para o latim, permitindo que suas ideias se espalhassem novamente pela Europa. Isso marcou o início do Renascimento.
No final do século XVIII, Thomas Taylor traduziu pela primeira vez os diálogos de Platão para o inglês. Seu trabalho, conforme descrito no artigo, teve grande influência sobre filósofos e escritores intuitivos no Império Britânico e nos Estados Unidos. Isso formou parte da base sobre a qual Blavatsky pôde se apoiar no último quarto do século XIX.

(...) se toda a realidade for entendida como oriunda de uma unidade primordial, então seu desdobramento pode ser visto como moldado pela natureza da lei da causa - o que significa dizer que tudo o que percebemos de alguma forma é o efeito de uma causa, e cada uma dessas causas anteriores é um efeito de uma causa ainda maior, e essa cadeia de causas e efeitos pode ser rastreada até o Primeiro Princípio, ou a causa sem causa.

Não é difícil reconhecer alguns princípios teosóficos nisso, como a primeira Proposição Fundamental e a Lei de Causa e Efeito. Isso também não é surpreendente, já que a tradição platônica nada mais é do que um dos ramos da Theosophia; veja também o texto emoldurado.

Por ter uma formação teosófica, achei muito fácil me adaptar ao estudo. O líder do estudo e o grupo proporcionaram uma atmosfera aberta, acolhedora e convidativa. Se eu fosse um novato, o líder do estudo e o grupo sem dúvida teriam feito o possível para me deixar participar. O líder do estudo usou exemplos práticos para tornar plausíveis as ideias abstratas e fez conexões com a prática cotidiana. Não posso dizer nada além de que vivenciei uma atmosfera muito teosófica.

Referências

1. H.P. Blavatsky, *Isis Sem Véu. Volume II*. Várias edições, p. 108-109 (edição original em inglês).
2. H.P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta. Volume I*. Várias edições, p. 425 (edição original em inglês).
3. As obras de Thomas Taylor podem ser encomendadas pelo site https://prometheustrust.co.uk/shop/
4. Fonte: https://prometheustrust.co.uk/education/.
5. Platão, *Phaedrus*, 246e (paginação universal de Platão).
6. Platão, *Phaedrus*, 253d (paginação universal de Platão).
7. Erwin Bomas, 'The Wisdom of Love. On the occult meaning of Philosophy' [Sobre o significado oculto da filosofia]. Artigo em: *Lucifer, the Lightbringer*, número 4, dezembro de 2017, p. 3-6. Fonte: blavatskyhouse.org/uploads/files/Lucifer_EN/lucifer-en-2017-4.pdf
8. H.P. Blavatsky, *A Chave da Teosofia*. Capítulo I, primeira seção, 'O significado do nome'.
9. 'A caracterização geral mais segura da tradição filosófica europeia é que ela consiste em uma série de notas de rodapé para Platão.' Essa é uma citação famosa do filósofo A.N. Whitehead. Fonte: en.wikiquote.org/wiki/Alfred_North_Whitehead.
10. 'De fato, Platão era um teosofista.' Em: G. de Purucker, *Studies in Occult Philosophy*. Covina, Califórnia, Theosophical University Press, 1945, p. 553. Fonte: blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/studies-in-occult-philosophy/
11. H.P. Blavatsky, *A Chave da Teosofia*. Capítulo II, primeira seção, 'O que a Sociedade Teosófica moderna não é', última frase.
12. Platão, *Sétima Carta*, 341c (paginação universal de Platão).
13. Consulte 'Seven Jewels in Plato and Taoism' [Sete Joias em Platão e no Taoismo'] no artigo: 'The seven Jewels of Wisdom in the world religions' ['As sete joias da sabedoria nas religiões do mundo']. In: Lucifer, the Lightbringer, julho 2013, p. 87-88. Fonte: blavatskyhouse.org/uploads/files/Lucifer_EN/lucifer
14. Veja a palestra de Erwin Bomas, 'Plato: founder of a Mystery School ['Platão: fundador de uma Escola de Mistérios']. Fonte: youtu.be/JtwZiLBRJv0?feature=shared
15. Muitos dos filósofos neoplatônicos eram chelas que continuaram o impulso do mensageiro Amonius Saccas, veja: G. de Purucker, *The dialogues of G. de Purucker. Volume 1*. Covina, Califórnia, Theosophical University Press 1948, p. 117-118. Fonte: blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/the-dialogues-of-g-de-purucker1-2-3/

Perguntas & respostas

O que significa Krishna?

No *Bhagavad-Gītā*, Krishna representa a fonte e a essência de todo o Universo e também o cocheiro e sábio conselheiro de Arjuna, o arqueiro. Podemos dizer que Krishna representa o ilimitado? E qual é a relação com o ser humano chamado Krishna, que viveu há cerca de 5.000 anos e foi um dos grandes Mensageiros? Além disso, muitos hindus consideram Krishna como um deus a ser adorado, a quem fazem sacrifícios regularmente. Então, como podemos ver Krishna?

Resposta

Para entender melhor isso, é bom lembrar que, em textos religiosos e mitologias, um conceito – 'Krishna', neste caso – pode ter vários significados. Esses significados geralmente estão relacionados uns aos outros. Geralmente são aplicações da mesma ideia básica em diferentes níveis, por exemplo, nos níveis do Cosmos, da Terra e do ser humano individual. O mesmo se aplica ao significado de Krishna.

Em todas as mitologias, o significado dos deuses depende do contexto. Entre os gregos antigos, por exemplo, Zeus às vezes representava o topo da hierarquia solar, às vezes a 'Lei Universal' (karma) e às vezes o poder do desejo. Quanto ao último caso, considere a história de Prometeu, o *portador da luz*, que foi acorrentado à existência material (a rocha) por Zeus (nossos desejos materialmente orientados).

Krishna como Ātman ou o Logos

No *Bhagavad-Gītā*, Krishna (capítulo 10, versículo 20) diz: 'Eu sou o Self', *Aham Âtman*. 'Meu assento está no coração de cada ser'. Esse versículo nos dá uma chave. Krishna representa o Self Universal, o Ātman, o Self com S maiúsculo: a fonte e o ápice do Universo. Os gregos antigos frequentemente chamavam esse princípio de *Logos*.

E como cada ser dentro do nosso Universo é um filho ou fluxo do único Ātman, cada ser carrega dentro de si um raio de Ātman, como o princípio mais elevado dentro de si. Por isso, 'Meu assento está no coração de cada ser'. Consequentemente, o princípio mais elevado em você, em mim e em todos os outros seres humanos é o mesmo: a essência kósmica *Única* (Krishna), dentro da qual todos nós vivemos e da qual nós, simbolicamente vistos, surgimos e para a qual retornamos periodicamente. Encontramos essa ideia básica – de que a essência divina dentro de nós é uma com a essência divina do Kosmos – em todas as religiões. Também no *Novo Testamento*, em João 10:30, onde Cristo diz: 'Eu e o Pai somos um'. Portanto, a fraternidade universal é um fato: estamos irrevogavelmente conectados, quer percebamos isso ou não.

A relação entre Krishna e o Sem Limites

Isso implica que Krishna é o que nós, na Teosofia, costumamos chamar de a 'Ilimitabilidade'? Não, porque há inúmeros Universos e cada um deles tem seu próprio ápice ou Krishna. Portanto, há infinitamente muitos 'Krishnas' dentro do Infinito. Ou, em outras palavras, cada Krishna tem outro 'Krishna' acima dele. Não existe um topo absoluto; cada topo é relativo. De fato, nós, como seres humanos individuais, somos um mini-kosmos, e nosso Ser mais profundo também pode ser corretamente chamado de Krishna. O 'Sem Limites' não tem características, não pode ser nomeado, é impensável, pois abrange uma variedade infinita de expressões de vida. O Sem Limites não é um ser, não é uma força e, portanto, não é uma fonte. Só se pode dizer que ele É.[1]

Subba Row, um Teosofista indiano que trabalhou em colaboração com a Sra. Blavatsky, dá explicações especializadas exemplares sobre o significado de Krishna como *Logos* em uma série de palestras, posteriormente compiladas em seu livro Notes on the *Bhagavad-Gītā*.[2] Ele também explica por que, em alguns lugares do *Bhagavad-Gītā*, Krishna declara ser um com Parabrahman. Parabrahman significa 'além de Brahman', além do deus mais elevado que podemos imaginar. Parabrahman, portanto, indica a VIDA além de nossa hierarquia e, por isso, às vezes é equiparado ao Sem Limites ou ao Inominável.

Portanto, parece contraditório quando Krishna diz que é um com Parabrahman, mas não é esse o caso. Como uma *expressão* de Parabrahman, Krishna pode se identificar com Parabrahman. Afinal de contas, todos, nas profundezas de seu ser, são o Sem Limites. Subba Row coloca isso da seguinte forma: '... ele (o Logos, Krishna) não é diferente em substância, por assim dizer, ou em

essência, de *Parabrahman*, mas ao mesmo tempo é diferente dele por ter uma existência individualizada. (...) Ele tem consciência e uma individualidade própria'.[3] De fato, o Logos não é incognoscível como o Parabrahman, mas pertence ao conhecimento mais elevado que o homem pode ter.[4]

Krishna dentro de nós

O Krishna dentro de nós, como já dissemos, representa nossa natureza imortal e superior, nosso núcleo mais profundo. De nossa natureza superior, todos os impulsos nobres e elevados fluem para nossa mente, se estivermos dispostos a ouvir nosso Professor Interno – nosso Krishna. No simbolismo do *Bhagavad-Gītā*: Krishna é o sábio conselheiro e Arjuna – que representa todas as consciências humanas, explica Subba Row – é o guerreiro no Caminho do Crescimento Interior, que enfrenta a escolha: escuto meu Self Superior (Krishna) ou não? Ajo de acordo ou não? Krishna pode dar conselhos, e cabe a nós, 'Arjunas', expressar esses conselhos na prática da vida ou não. Somos nós que temos que 'batalhar' ...

Krishna como Avatāra

Agora chegamos ao fato histórico de que, há cerca de 5.000 anos, um grande Mensageiro da Sabedoria e da Compaixão trabalhou entre os homens, chamado Krishna. Krishna era um Avatāra, o que significa que, em certos momentos, a influência direta de um ser divino fluía por meio desse ser humano, de modo que, na verdade, um impulso divino podia ser trazido para o mundo humano – por meio do canal de um ser humano muito avançado. No *Bhagavad-Gītā*, Krishna (que representa essa influência divina) diz: 'E assim encarno de era em era para a preservação dos justos, a destruição dos perversos e o estabelecimento da retidão'.[5]

Foi-nos ensinado que, na época em que Krishna morreu, em 3102 a.C., um longo período evolutivo da humanidade se encerrou (o Dwāpara-yuga) e outro longo ciclo começou (o Kali-yuga).[6]

Krishna deve ser adorado?

O último ponto levantado pelo questionador é o fato de que muitos hindus veem Krishna como um deus a ser adorado. Em todo o mundo, as pessoas tendem a antropomorfizar os deuses, atribuindo a eles todo tipo de características humanas. Quando você reza para Krishna na esperança de receber algum tipo de recompensa, Krishna tem uma função tão degenerada quanto a dos santos na Igreja Católica: você espera que forças *externas a você* resolvam seus problemas. Mas só nós mesmos podemos fazer isso.

É verdade que, no *Bhagavad-Gītā*, Arjuna é solicitado a 'devotar todos os seus pensamentos e ações a Krishna', mas isso não significa a adoração de um deus fora de nós, porque Krishna é nosso próprio deus interno. Nosso Krishna interior vive na compreensão da unidade, da união inseparável de todos os seres. Arjuna – ou seja, nós! – é inspirado a desenvolver as qualidades divinas dentro dele. No início do décimo sexto capítulo do *Gītā*, essas características são resumidas. Mencionamos algumas delas: destemor, pureza de pensamento, firmeza no Yoga por meio da sabedoria, retidão, amor à verdade, gentileza, contenção, modéstia. Em suma, são 'as forças gentis' que fluem do amor e da compaixão universais. Desenvolver essas qualidades é a melhor 'adoração' a Krishna.

De fato, você pode encontrar no *Bhagavad-Gītā* que os únicos sacrifícios significativos estão em sacrificar suas tendências egoístas, e que a única adoração significativa é começar a viver a partir da ideia de fraternidade universal. De que outra forma você poderia adorar a unidade subjacente (Krishna), senão concentrando-se continuamente no bem-estar de tudo o que vive? Afinal de contas, nosso destino está inseparavelmente ligado ao destino de nossos semelhantes e de todos os outros tipos de seres. Um verso intuitivo do *Bhagavad-Gītā* trata disso:[7]

> Os dons que são concedidos no momento certo à pessoa certa e por homens que não desejam retorno, são de qualidade *sattva.* [verdade, sabedoria; ed.]

Portanto, pensar sobre o significado de Krishna vale muito a pena. Então descobrimos, entre outras coisas, que todas as religiões pressupõem um elemento divino *no* homem: o Inspirador e Professor do qual podemos extrair sabedoria a cada instante em que nos concentramos nela.

Referências

1. H.P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta. Volume I*. Muitas edições, p. 14 (edição original em inglês).
2. T. Subba Row, *Notes on the Bhagavad-Gītā*. Pasadena, Califórnia, Theosophical University Press, 1978.
3. Consulte a ref. 2, p. 19.
4. Consulte a ref. 2, p. 19.
5. W.Q. Judge, *Bhagavad-Gītā* (combinado com seus *Essays on the Gītā*). Pasadena, Califórnia, Theosophical University Press,1969, capítulo 4, p. 24 (verso 8).
6. G. de Purucker, *Occult Glossary*. Londres, Rider Co, 1933, p. 189 (lema 'Yuga'). Fonte: blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/occult-glossary/
7. Consulte a ref. 5, capítulo 17, p. 91 (versículo 20).

AGENDA

Palestras e estudos em inglês

Todos os domingos, às 19h30 (CET), há uma palestra ou um estudo em inglês. A participação nas palestras e estudos é gratuita. Para o estudo, é necessário inscrever-se.
Para mais informações, consulte:
https://blavatskyhouse.org/lectures/

Series 1, October - November
Universal wisdom
(...)
03-11 Helena Petrovna Blavatsky lecture (guest speaker)
10-11 Study meeting on lecture of 03-11

Series 2, November – December
The insanity of war: time to act like HUMANS again
17-11 Karma and the World's Conscience
24-11 Study meeting on lecture of 17-11
01-12 The alchemical transformation of war to peace
How do you reconcile with your 'enemy'?
08-12 Study meeting on lecture of 01-12

Series 3, December – January
A non-political view of the global political climate
15-12 2024: our right, duty, responsibility to vote
22-12 Study meeting on lecture of 15-12
05-01 A wise democracy
12-01 Study meeting on lecture of 05-01

Series 4, January – February
The Mystical Birth
19-01 The four sacred moments of the year
26-01 Study meeting on lecture of 19-01
02-02 The Silent Watcher as Initiator
09-02 Study meeting on lecture of 02-02

Curso Sabedoria Universal

Este curso é realizado on-line, por meio de videoconferência.
Este curso é baseado na Sabedoria Universal. Essa sabedoria não é nova; ela é o cerne de todos os grandes sistemas religiosos, filosóficos e científicos ao longo dos tempos.
Essa sabedoria universal é conhecida por vários nomes, como Filosofia Esotérica, Teo-sofia. O núcleo da sabedoria universal nos ensina que a unidade e a compaixão são os fundamentos da vida. Se algo está claro, é que esses são os elos que faltam e que o mundo atual precisa desesperadamente. Ao aplicar a sabedoria deste curso, você ajudará a preencher essa lacuna.

As lições

1. Unity
2. Realidade e ilusão
3. Sete aspectos do pensamento
4. 'Homem, conhece-te a ti mesmo
5. Pesquisa interina
6. Pensamentos e enobrecimento de seu caráter
7. Ciclicidade e karma
8. Hierarquias de consciência e processo de emanação
9. Autorrealização e evolução progressiva
10. Construindo uma imagem de um ideal
11. Dois caminhos, uma escolha baseada em princípios
12. Conhecendo o eu
13. Pensamento revelado
14. Sociedade Teosófica - Point Loma

O curso é realizado on-line via Zoom.
O curso terá início em janeiro de 2025. O horário será determinado de comum acordo para que os alunos do Brasil e de Portugal possam participar.
Para mais informações e para se inscrever no curso de *Sabedoria Universal* escreva um e-mail para info@blavatskyhouse.org.

Lúcifer®

Cólofon

Editores:
Barend Voorham, Henk Bezemer,
Rob Goor, Nico Ouwenhand, Erwin Bomas,
Bouke van den Noort.

Editor-chefe: Herman C. Vermeulen

Sede editorial: De Ruijterstraat 72-74, 2518 AV Haia, Países Baixos
tel. +31 (0) 70 346 15 45
e-mail: luciferred@isis-foundation.org

Mensagens do leitor:
A direção editorial reserva-se ao direito de fazer uma seleção e/ou de resumir as mensagens recebidas

Subscrições:
Esta tradução para português foi feita a partir do 22.o número gratuito da versão inglesa de Lúcifer, o Portador da Luz. Para subscrições: enviar mensagem para a sede editorial: luciferred@stichtingisis.org.
Tarifas a pedido.

Editora:
I.S.I.S. Foundation, Blavatskyhouse,
De Ruijterstraat 72-74,
2518 AV Haia, Países Baixos
tel. +31 (0) 70 346 15 45,
e-mail: luciferred@isis-foundation.org
internet: www.blavatskyhouse.org

© I.S.I.S. Foundation
Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou tornada pública por qualquer forma ou meios: eletrónica, mecânica, por fotocópias, gravações, ou de outra forma, sem permissão anterior da Editora.

Fundação I.S.I.S.

O nome da Fundação [Stichting, em holandês] é "Stichting International Study-centre for Independent Search for truth". A sua sede é em Haia, nos Países Baixos.

O objetivo da Fundação é formar um núcleo de Fraternidade Universal, através da disseminação do conhecimento sobre a estrutura espiritual do ser humano e do cosmos, livre de dogmas.

A Fundação visa concretizar
este objetivo através de cursos, organizando palestras públicas, publicando livros, brochuras e outras publicações, e recorrendo a todos os recursos disponíveis com vista a este fim.
A Fundação I.S.I.S. é uma organização sem fins lucrativos, reconhecido como o tal pela autoridade tributária dos Países Baixos. Para fins fiscais, a Fundação I.S.I.S. tem o que se chama de estatuto ANBI. ANBI significa Organização para o Benefício Geral (Algemeen Nut Beogende Instelling).

Os requisitos mais importantes para obter o estatuto ANBI são:
É uma organização sem fins lucrativos, portanto não tem rendimentos. Quaisquer lucros que resultem da venda de livros, devem ser totalmente utilizados para atividades gerais de beneficiência. Para a Fundação I.S.I.S., isto significa espalhar a Teosofia. (Ver o estatuto, objetivos e princípios para mais informação.)

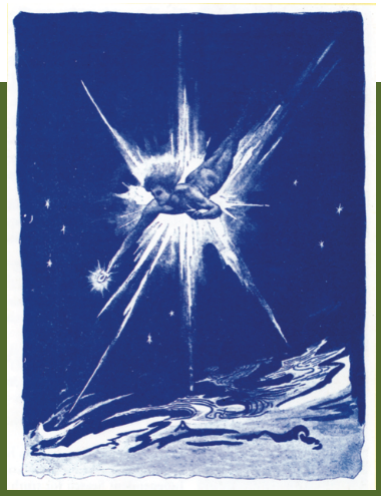
Os membros da Direção devem preencher requisitos de integridade.
O ANBI deve ter uma propriedade separada, pelo que um diretor ou decisor não pode tomar decisões sobre esta propriedade como se fosse sua.
A remuneração dos membros da direção apenas pode consistir de um reembolso de despesas e assistência. O número ANBI da Fundação I.S.I.S. É o 50872.

International
Study-centre for
Independent
Search for truth
Foundation

Fundação I.S.I.S.

As atividades da Fundação I.S.I.S. (International Study-centre for Independent Search for Truth) baseiam-se em:

1. A unidade essencial de tudo que existe.
2. Por causa dessa unidade: a fraternidade como um facto na natureza.
3. Respeito pelo livre-arbîtrio de todos (quando aplicado a partir desta ideia de fraternidade universal).
4. O respeito pela liberdade de cada um na construção da sua própria perspetiva de vida.
5. Apoiar o desenvolvimento da própria perspetiva de vida de cada um e a sua aplicação na prática diária.



Porque esta revista é chamada de *Lúcifer*

Lúcifer, literalmente significa Portador da Luz.
Cada cultura no Oriente e no Ocidente tem os seus portadores de luz: os indivíduos inspiradores que dão o impulso inicial para o crescimento espiritual e de reforma social. Eles estimulam o pensamento independente e a viver a vida com uma profunda consciência de fraternidade.
Estes portadores de luz foram sempre contrariados e caluniados pelos poderes estabelecidos. Mas há sempre aqueles que se recusam a ser desincentivados por esses caluniadores, e começam a examinar a sabedoria dos portadores de luz de uma forma aberta e sem preconceitos.
É para estas pessoas que esta revista é escrita.

"... o título escolhido para a nossa revista está tão associado com ideias divinas como com a suposta rebelião do herói do *Paraíso Perdido* de Milton ... Nós trabalhamos para a verdadeira Religião e Ciência, para factos e contra ficção e preconceito. É nosso dever – como é o da Ciência física – lançar luz sobre os factos na Natureza até aqui cercados pela escuridão da ignorância... Mas as ciências naturais são apenas um aspeto da CIÊNCIA e da VERDADE. Ciências psicológicas e morais, ou a Teosofia, o conhecimento da verdade divina, são ainda mais importantes..."

(Helena Petrovna Blavatsky na primeira edição de *Lúcifer*, setembro 1887).